



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Imagens associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento  
institucional

Ana Lúcia Domingues

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:  
Doutora Maria Manuela Amorim Calheiros, Professora Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2013



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Imagens associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento  
institucional

Ana Lúcia Domingues

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:

Doutora Maria Manuela Amorim Calheiros, Professora Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2013

**Imagens associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional**

**Ana Lúcia Domingues**

**Outubro  
2013**

## Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora Professora Doutora Manuela Calheiros pela ajuda, orientação e críticas que permitiram a construção da presente tese. Todo o trabalho que desenvolvemos ao longo deste ano contribuiu muito para o meu crescimento profissional e pessoal.

Expresso também o meu agradecimento ao Professor Doutor Diniz Lopes pela sua ajuda e disponibilidade para ajudar sempre que tive necessidade.

Agradeço à Joana Patrício pela simpatia e pela ajuda preciosa, sem ela certamente que esta tese não seria a mesma.

Agradeço a todas as pessoas que despenderam do seu tempo para participar neste estudo, tornando-o possível.

Agradeço à minha orientadora de estágio Filipa Pereira e a todos os membros da CPCJ de Lisboa Oriental por fazerem parte desta etapa.

Agradeço aos meus pais, irmãos e avó, perto ou longe, pela paciência, pelo apoio e por nunca duvidarem.

Agradeço ao Fernando por estar sempre presente, pelo apoio, pela distração, por tudo.

Agradeço a todos os meus amigos, velhos e novos, por fazerem parte da minha vida e por contribuírem para a pessoa que sou hoje.

Concluo fazendo minhas as palavras de Charlie Fink "There are rocks, they will always hold in the sea and erosion can't stop their being, no, currents can't defeat them, and I am thankful for the love these rocks have always given".

## Resumo

O presente estudo tem como objetivo explorar quais as imagens associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e as imagens de famílias de estatuto socioeconómico médio.

Tanto quanto sabemos, não existe literatura sobre este tema específico, apesar de alguns estudos sugerirem a existência de uma imagem negativa relativa às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional (e.g. Casas, Cornejo, Colton, & Scholte, 2000).

A amostra foi constituída por 85 participantes, cujas respostas dadas a um questionário aberto elaborado propositadamente para este estudo, foram sujeitas a uma análise de conteúdo que resultou num conjunto de atributos. Estes atributos foram, posteriormente analisados em termos da sua valência e da sua associação a cada uma das tipologias de família. Esta análise mostrou uma tendência para os atributos positivos serem mais associados a famílias de estatuto socioeconómico médio e os negativos mais associados às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional. Estes foram, também, analisados quanto à sua variabilidade em função da idade do alvo e da ordem em que eram apresentadas as questões relativas as duas primeiras partes do questionário.

Foram ainda identificados perfis para cada uma das tipologias de família. Estes mostraram uma tendência para descrever as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional apontando para fatores de risco, enquanto as famílias de estatuto socioeconómico médio foram descritas em termos das suas competências.

Finalmente, os perfis obtidos foram analisados em termos da sua variabilidade relativamente às variáveis sociodemográficas dos participantes, tendo revelado poucas diferenças significativas.

Palavras-chave: Imagens sociais; Famílias; Acolhimento Institucional

**3000 Social Psychology**

**3020 Group & Interpersonal Processes**

**3040 Social Perception & Cognition**

**2900 Social Processes & Social Issues**

**2956 Childrearing & Child Care**

## Abstract

The goal of the present study is to explore which images are associated with the families of children and youth in residential care and which images are associated with middle socioeconomic status families.

As far as we are aware, there is no literature about this specific subject, although some studies suggest the existence of negative images about the families of children and youth in residential care (e.g. Casas, Cornejo, Colton, & Scholte, 2000).

The sample was composed by 85 participants whose answers to an open questionnaire built specifically for this study were the subject of a content analysis which led to a set of attributes. Afterwards, these attributes were analysed in terms of their valence and association to each one of the family types. This analysis showed a tendency for the positive attributes to be more associated with middle socioeconomic status families and the negative attributes to be more associated with the families of children and youth in residential care. These attributes were also analysed in terms of their variability regarding the age of the target described in the questionnaire and the order of its first two parts.

Profiles were identified for both types of family. These profiles showed a tendency for people to describe the families of children and youth in residential care using risk factors, while describing the middle socioeconomic status families in terms of their competences.

Finally, the obtained profiles were analysed in terms of their variability regarding the participants' sociodemographic variables, which revealed few significant differences.

Key-words: Social images; Families; Residential Care

**3000 Social Psychology**

**3020 Group & Interpersonal Processes**

**3040 Social Perception & Cognition**

**2900 Social Processes & Social Issues**

**2956 Childrearing & Child Care**

## Índice

INTRODUÇÃO GERAL .....	1
CAPÍTULO I - Enquadramento Teórico .....	3
1. Representações e imagens sociais .....	3
2. O acolhimento institucional .....	5
3. As famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional - Famílias multiproblemáticas .....	6
4. Objetivos específicos do estudo .....	10
CAPÍTULO II - Método .....	11
5. Participantes .....	11
6. Instrumentos .....	12
7. Procedimento de recolha de dados .....	13
8. Procedimento da análise de dados .....	13
CAPÍTULO III - Resultados .....	16
9. Atributos associados a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e a famílias de estatuto socioeconómico médio .....	16
9.1 Descrição dos atributos relativos às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e a famílias de estatuto socioeconómico médio .....	16
9.2. Diferenças nos atributos relativos às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e a famílias de estatuto socioeconómico médio .....	18
10. Efeitos de ordem e da idade do alvo .....	20
10.1. Ordem .....	20
10.2. Idade .....	21
11. Análise dos perfis das categorias associadas a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e famílias de estatuto socioeconómico médio .....	22
11.1. Famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional (ACM) .....	22
11.2. Famílias de estatuto socioeconómico médio (ACM) .....	25
11.3. Famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional (Análise de Clusters) ...	27

11.4. Famílias de estatuto socioeconómico médio (Análise de Clusters) .....	29
12. Diferenças nos perfis tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes .....	32
 CAPÍTULO IV - Conclusões e Discussão dos Resultados .....	 34
 Referências .....	 39
 ANEXOS .....	 42
ANEXO A - Instrumentos utilizados .....	43
ANEXO B - Dicionário de Categorias .....	52
ANEXO C - Efeitos de ordem e da idade do alvo .....	56
ANEXO D - Representação das variáveis relativas a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional no plano bidimensional, utilizando como variável passiva a "idade do alvo" .....	61
ANEXO E - Diferenças nos perfis tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes .....	63

### Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização da amostra .....	11
Quadro 2. Frequências dos atributos associados a cada tipo de família de acordo com as categorias elaboradas .....	16
Quadro 3. Diferenças na atribuição das categorias às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e a famílias de estatuto socioeconómico médio .....	18
Quadro 4. Diferenças na atribuição das categorias, para as famílias de estatuto socioeconómico médio, tendo em conta a ordem das duas primeiras partes do instrumento .....	20
Quadro 5.1. Diferenças na atribuição das categorias, para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, tendo em conta a idade do alvo apresentado .....	21
Quadro 5.2. Diferenças na atribuição das categorias, para as famílias de estatuto socioeconómico médio, tendo em conta a idade do alvo apresentado .....	22
Quadro 6. Medidas de discriminação para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional .....	23

Quadro 7. Medidas de discriminação para as famílias de estatuto socioeconómico médio .....	25
Quadro 8. Frequência e percentagens das variáveis por grupo e Teste de Independência do Qui-Quadrado para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional .....	28
Quadro 9. Frequência e percentagens das variáveis por grupo e Teste de Independência do Qui-Quadrado para as famílias de estatuto socioeconómico médio .....	30
Quadro 10.1. Diferenças nos perfis das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes.....	32
Quadro 10.2. Diferenças nos perfis das famílias de estatuto socioeconómico médio, tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes.....	33

### Índice de Figuras

Figura 1. Representação das variáveis relativas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, no plano bidimensional .....	24
Figura 2. Representação das variáveis relativas às famílias de estatuto socioeconómico médio, no plano bidimensional .....	26
Figura 3. Coeficientes de fusão através do critério de Ward para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional .....	27
Figura 4. Coeficientes de fusão através do critério de Ward para as famílias de estatuto socioeconómico médio .....	30

## INTRODUÇÃO GERAL

As representações sociais são, de acordo com Jodelet (1985), uma forma de conhecimento prático, muitas vezes nomeado como saber de senso comum, orientado para a comunicação, compreensão e domínio do contexto social, ideal e material onde nos inserimos. Estas representações são elaboradas socialmente e contribuem para a construção de uma realidade partilhada por todos os membros de um determinado grupo, sendo que se manifestam através de elementos cognitivos como imagens, conceitos, categorias, teorias, etc. (Spink, 1993). As imagens são uma forma de simplificar informação acerca de um determinado alvo e de o tornar familiar. A linguagem e conhecimentos do dia-a-dia são particularmente ricos em imagens que nos permitem representar na realidade objetos, pessoas ou eventos (Moscovici, 2000).

Tanto quanto sabemos, não existem estudos publicados que procurem explorar quais as imagens sociais associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional. Apesar disto, existem alguns estudos que sugerem uma tendência para as descrever de forma negativa, destacando os seus problemas e fragilidades como unidade familiar (e.g., Casas, Cornejo, Colton, & Scholte, 2000; Yunes & Szymanski, 2003; Sousa, Ribeiro, & Rodrigues, 2006).

Apesar das alterações no acolhimento institucional em Portugal que permitiram a compreensão da importância da manutenção da relação entre crianças e jovens em acolhimento institucional e as suas famílias (Instituto de Segurança Social, 2011), na prática, observa-se uma tendência para o afastamento destas, uma vez que parecem ser consideradas como incompetentes para assumir o cuidado dos seus filhos (Costa & Rossetti-Ferreira, 2009).

Também a intervenção com estas famílias se tem centrado, quase exclusivamente, nos seus problemas e na forma de os solucionar, recorrendo à ajuda de técnicos especializados para tal (Sousa, Ribeiro & Rodrigues, 2006). Este tipo de abordagem tem mostrado ser pouco eficaz levando, inclusivamente, a algumas consequências negativas para a família, como é o caso da diluição familiar (Sousa, 2005; Colapinto, 1995).

Frequentemente, estas imagens levam a processos de estigmatização, em que os indivíduos tendem a distinguir e rotular as diferenças entre grupos e a associar estas diferenças a atributos negativos (Link & Phelan, 2001). Esta separação traduz-se numa crença de que "eles" são diferentes de "nós", o que, frequentemente leva a fenómenos cognitivos (i.e.

estereótipos), emocionais (i.e. preconceito) e comportamentais (i.e. discriminação) (Link & Phelan, 2001). Associado a estes fenómenos, está a grande probabilidade de que os indivíduos estigmatizados internalizem os traços e atributos que lhes são conferidos (Hinshaw, 2005). Adicionalmente, entre os efeitos da estigmatização encontram-se o stress psicológico, depressão, medo, restrições na participação na vida da comunidade, impacto no sentido de self, nas expectativas e ambições dos indivíduos estigmatizados, maiores níveis de desemprego, maior vulnerabilidade, problemas de saúde e, em algumas situações, maior envolvimento com a polícia e com o sistema de justiça criminal (van Brakel, 2006; Howarth, 2006).

Apesar desta visão negativa, tem vindo a ser proposta uma forma de intervir baseada nas competências intrínsecas a estas famílias, no sentido de as manter e melhorar (Colapinto, 1995), uma vez que estas apresentam diversas competências e capacidades, entre as quais, a capacidade de funcionar como fator protetor e importante rede de apoio para os seus filhos (e.g., Siqueira, Betts, & Dell'Aglio, 2006; Siqueira, Tubino, Schwarz, & Dell'Aglio, 2009).

Assim, torna-se importante perceber, de facto, quais as imagens sociais associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, através da exploração dos atributos a que as pessoas recorrem para as descrever. Para além disto, pretende-se, também, perceber quais as fontes de variabilidade destas imagens, ou seja, se estas imagens variam em função da idade do alvo (família de uma criança ou família de um jovem) ou em função das variáveis sociodemográficas dos participantes (sexo, escalão etário, se trabalha ou não na área de crianças e menores em risco e perigo, por exemplo).

No Capítulo I é apresentado o enquadramento teórico onde são definidos os conceitos centrais para o presente trabalho, assim como explicada a sua importância à luz da literatura relevante. Ainda neste capítulo, é apresentado o problema e objetivos específicos do estudo executado.

No Capítulo II é descrita a metodologia adotada no trabalho, através da apresentação da amostra, instrumento utilizado e o procedimento de recolha de dados e da sua análise.

No Capítulo III são descritos os resultados obtidos e, no Capítulo IV é efetuada a discussão dos resultados face ao problema em análise e, são discutidas algumas limitações do trabalho e implicações para trabalhos futuros.

## **CAPÍTULO I - Enquadramento Teórico**

### **1. Representações e imagens sociais**

Apesar de este estudo ter por objetivo aceder às imagens sociais associadas a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, é impossível falar de imagens, sem antes definir e abordar a teoria das representações sociais.

De forma geral, as representações sociais foram definidas por Jodelet, em 1985, como sendo uma forma de pensamento social, muitas vezes nomeado como saber de senso comum. Este tipo de saber caracteriza-se por ser uma forma de conhecimento prático, orientado para a comunicação, compreensão e domínio do contexto social, ideal e material em que nos inserimos. Estas representações são sempre elaboradas e partilhadas socialmente, contribuindo para a construção de uma realidade partilhada por todos, manifestando-se através de elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), mas não se reduzindo a estes (Spink, 1993).

De acordo com Moscovici (2000), as representações sociais apresentam-se como tendo o papel de convencionar os objetos, as pessoas e os eventos com que nos deparamos no dia-a-dia. Assim, estas dão forma e categorizam todos os novos elementos (objetos, pessoas e situações) que encontramos diariamente, distinguindo-os e tornando-os parte de um modelo específico partilhado socialmente.

Estas representações são extremamente eficazes, no sentido em que nos permitem controlar e prever a realidade do presente com sucesso, tendo por base eventos do passado.

Assim, e segundo Moscovici (2000; 2001), as representações sociais surgem como uma forma de comunicar e entender aquilo que nos é conhecido, apresentando duas facetas diferentes: a icónica e a simbólica. As representações permitem atribuir um significado abstrato à realidade que nos rodeia e introduzir ordem neste, ou seja, atribuir uma imagem a uma ideia abstrata (faceta icónica), e reproduzir o mundo de forma significativa, ou seja, atribuir uma ideia abstrata a uma imagem (faceta simbólica).

Cada uma destas representações ou imagens contém uma forma de classificar os indivíduos, uma teoria implícita acerca destes, as razões para se comportarem de uma determinada forma, etc. O conteúdo destas classificações guia a forma como nos relacionamos com os outros, como julgamos os seus comportamentos e como interagimos com eles. De facto, todas as relações humanas implicam e são caracterizadas pela existência de representações, sendo que estas são criadas no decorrer da comunicação e cooperação

entre os indivíduos (Moscovici, 2001; Lahlou, 2001). No entanto, existe uma tendência para procurar confirmar os julgamentos, classificações e imagens que criamos e estabelecemos acerca de um determinado alvo (Moscovici, 2000).

O estudo das imagens sociais de diferentes grupos é considerado de extrema importância, uma vez que estas influenciam a forma como as pessoas se relacionam entre si e, a forma como as pessoas agem e se comportam em função destas imagens. Entre a literatura acerca deste tema encontram-se diversos estudos que permitem perceber o impacto destas imagens em diferentes contextos. No contexto da parentalidade, Mollinari e Emiliani (1993) apresentaram um modelo que sugere que as imagens das mães acerca dos seus filhos estão associadas às suas teorias acerca do desenvolvimento, o que terá um forte impacto na forma como estas se relacionam com os seus filhos, assim como nas estratégias a que recorrem para os educar.

O papel das imagens apresenta, também, um forte impacto, na forma como as pessoas se comportam, como é o caso do papel das imagens sociais no uso de tabaco por parte dos adolescentes, pois, entre outras variáveis, a imagem social associada aos fumadores influencia os comportamentos dos adolescentes, uma vez que esta se apresenta como positiva, sinónimo de popularidade e, como consequência, bastante desejável (Evans, Powers, Hersey, & Renaud, 2006).

As imagens associadas a determinados grupos minoritários podem ter um sério impacto nas vidas destas pessoas. Um exemplo disto é o caso de um estudo em que foram avaliadas as imagens de 8 grupos minoritários (entre os quais se encontravam mulheres, negros, índios norte americanos, etc.) em situações de contratação para um emprego, tendo-se percebido que, em função da imagem destes grupos, eram atribuídos diferentes pontos fortes e fracos em relação a várias categorias consideradas relevantes para a contratação. Todos os membros dos grupos minoritários tiveram mais pontos negativos do que o grupo considerado normativo (Butt & Signori, 1976).

Por vezes, mesmo em contextos em que existe contacto entre os grupos maioritário e minoritário, é possível manter-se uma imagem negativa do segundo grupo, como foi ilustrado por García, Castillo e Umpiérrez (1997) relativamente às imagens sociais associadas aos deficientes físicos, entre crianças. Foi testada a política de integração na escola, ou seja, a hipótese de contacto entre os membros do grupo maioritário e minoritário onde as crianças do grupo maioritário, independentemente de terem ou não contacto com o grupo minoritário, lhe atribuíram uma imagem semelhante, recorrendo a alguns estereótipos para os descrever.

No que diz respeito às imagens veiculadas pelos media, Chen, Hsu, Shu e Fetzter (2012) exploraram qual a imagem social transmitida pelos jornais acerca das pessoas com incapacidades ao nível intelectual. Apesar de algumas retratações positivas acerca deste grupo minoritário, na maioria dos artigos encontrados, estes foram descritos de forma negativa.

É importante referir que, no que toca ao tema em estudo, tanto quanto sabemos, não existem estudos publicados que procurem explorar quais as imagens sociais associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional. Apesar disto, existem alguns estudos (que serão descritos na secção 3 do presente trabalho) que mostram uma tendência para as descrever de forma negativa. Assim, trata-se de um estudo original, que propõe explorar esta ligação, através da comparação com as imagens associadas a famílias de estatuto socioeconómico médio.

## **2. O acolhimento institucional**

Até há pouco tempo, as instituições de acolhimento funcionavam num regime de internato, ou seja, funcionavam num regime fechado, onde um grupo de pessoas relativamente numeroso vivia em tempo integral. A instituição funcionava como local de residência, trabalho e lazer, onde havia muito pouco contato entre as pessoas que lá estavam e a restante sociedade, incluindo as famílias dos menores (Goffman, 1987, citado por Benelli, 2004).

Atualmente as instituições já não funcionam desta forma, sendo que há um esforço de as tornar mais inclusivas e de melhorar a qualidade dos seus serviços (Martins, 2005). Não obstante, ainda nos deparamos com uma série de problemáticas que as envolvem.

Como exemplo de algumas destas fragilidades, Freundlich, Avery e Padgett (2007) descreveram a existência de problemas nestas instituições, como é o caso da violência entre pares, roubos, conduta inapropriada dos cuidadores, pobres condições físicas das instituições, cuidadores com qualificações inadequadas, rotatividade e número insuficiente de cuidadores.

Os problemas relativos aos cuidadores constituem-se como fatores que largamente contribuem para atrasos no desenvolvimento físico e comportamental das crianças que estão em acolhimento institucional desde muito cedo (Fluke, Goldman, Shriberg, Hillis, Yun, Allison, & Light, 2012).

Atualmente e, de forma a lidar com os problemas ainda presentes nas instituições de acolhimento, está a decorrer uma tentativa de alterar o paradigma em vigor, com a construção

de lares reparadores, securizantes, educativos e formativos (Instituto da Segurança Social [ISS], 2011). Partindo de uma intervenção de carácter assistencialista, para uma intervenção sustentada teoricamente (Ward, 2006).

Estas instituições passaram a funcionar em regime aberto, com uma estrutura semelhante à estrutura familiar, de forma a possibilitar uma boa integração das crianças e jovens na comunidade (Ward, 2006; ISS, 2011). Esta forma de funcionamento compreende a importância da manutenção da relação entre as crianças e jovens e a sua família, percebendo-os como pertencentes a um determinado meio sociocultural (Martins, 2005).

Apesar da mudança descrita e, particularmente, da tentativa de entender a importância do envolvimento das famílias nas vidas dos seus filhos acolhidos em instituição, na prática, parece haver uma desvalorização do papel dos pais, enquanto os técnicos se percebem a si mesmos como as pessoas que “salvam” estas crianças e jovens das suas famílias. Assim, as crianças e jovens acabam por ser, por vezes, afastados dos seus pais na tentativa de que venham a ter um novo começo (Modlin, 2004), uma vez que as famílias são consideradas incompetentes para assumir o cuidado e educação dos seus filhos (Costa & Rossetti-Ferreira, 2009).

### **3. As famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional - Famílias multiproblemáticas**

Quando se pensa em famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, a tendência é pensar em famílias problemáticas que estão diariamente expostas a uma série de fatores de risco. Estas famílias têm sido descritas na literatura (e.g., Brown, Cohen, Johnson, & Salzinger, 1998; Griffith, Ingram, Barth, Trout, Hurley, Thompson, & Epstein, 2009), principalmente, tendo em conta os seus problemas e fragilidades, sendo-lhes atribuídas características como, por exemplo: baixa educação, gravidez na adolescência, monoparentalidade, dependência dos serviços sociais, o facto de estas famílias serem numerosas, baixo rendimento, insatisfação parental, locus de controlo externo, má relação conjugal, baixo envolvimento parental, pais pouco calorosos e empáticos, alienação parental, baixa autoestima, conflito parental e doença mental, problemas financeiros, problemas relacionais, problemas de abuso de substâncias, uso de disciplina inapropriada, abandono, negligência, desemprego, isolamento da família e envolvimento dos pais com o tribunal/encarceramento.

Geralmente, estas famílias são caracterizadas como tendo um padrão de interação caótico que, apesar de estar presente ao longo dos diferentes estatutos socioeconómicos, é

comumente associado às famílias pobres (Sousa & Eusébio, 2005; Sousa & Ribeiro, 2005). De facto e, de acordo com um estudo de Cancrini, Gregorio e Nocerino (1997) com famílias multiproblemáticas, em Palermo, foi possível perceber que a pobreza é considerada um importante fator de risco, pois, a falta de meios e competências sociais reconhecidas facilita o aparecimento de comportamentos problemáticos, pelo facto de que as famílias não possuem os meios necessários para os combater eficazmente.

Também a intervenção com estas famílias tem sido desenvolvida centrando-se exclusivamente nos seus problemas e fragilidades e em tentativas de solucionar estes problemas através da intervenção de técnicos. Esta abordagem centrada nos problemas encontra-se presente tanto na representação dos técnicos que intervêm com as famílias, como na das famílias que recebem a intervenção, acabando por encorajá-la (Sousa, Ribeiro & Rodrigues, 2006; Colapinto, 1995).

Apesar de os técnicos que intervêm junto destas famílias serem capazes de identificar alguns aspetos positivos, objetivos, estratégias e eventos passados que melhoraram as vidas destas, a sua forma de pensar encontra-se substancialmente orientada para os problemas, intervindo com base nisto (Sousa, Ribeiro, & Rodrigues, 2007).

De acordo com Yunes e Szymanski (2003), existe uma tendência para os profissionais das áreas de saúde e educação descreverem as famílias pobres como sendo acomodadas, submissas à situação de miséria e desestruturadas, não apenas pela sua configuração não-nuclear, mas também pelas características de violência nas relações intrafamiliares, de abandono, negligência das crianças e incidência do uso de drogas na família. Para além deste estudo, Casas, Cornejo, Colton e Scholte (2000) salientaram que, de entre os vários serviços de bem-estar social, os dois serviços percecionados, tanto pelos clientes, como pelos profissionais que lá trabalham como geradores de mais diferenciação e estigmatização foram os serviços de acolhimento institucional e acolhimento familiar. De acordo com os autores, o fator que parece estar mais associado com as perceções de estigmatização é a separação física da família.

Relativamente ao processo de reinserção familiar de crianças e jovens que estiveram em acolhimento institucional, Siqueira, Zoltowski, Giordani, Otero e Dell'Aglio (2010) aperceberam-se de que, parece existir a ideia de que as famílias não têm capacidade para cuidar e educar os seus filhos. Esta questão leva a que haja uma má relação entre as famílias e instituições, sendo que as últimas têm demonstrado dificuldades em lidar com as famílias e com a preservação dos vínculos afetivos entre estas e os seus filhos. Adicionalmente, Siqueira, Massignan, e Dell'Aglio (2011), sugeriram que, na sociedade, parece circular a ideia

de que as crianças e jovens em acolhimento institucional apresentam problemas, pelos simples facto de estarem biologicamente ligados às suas famílias de origem, podendo por este motivo, apresentar percursos de vida negativos.

Assim e, tendo em conta a tendência para descrever estas famílias de forma negativa, parece ocorrer a estigmatização destas. Este processo de estigmatização pode conduzir a importantes efeitos negativos nas vidas destes indivíduos, como o stress psicológico, depressão, medo, restrições na participação na vida da comunidade, impacto no sentido de self, nas expectativas e ambições dos indivíduos estigmatizados, maiores níveis de desemprego, maior vulnerabilidade, problemas de saúde e, em algumas situações, maior envolvimento com a polícia e com o sistema de justiça criminal (van Brakel, 2006; Howarth, 2006).

A intervenção baseada nos problemas das famílias tem sido considerada como apenas modestamente eficaz e, também, responsável por vários efeitos negativos, como o enfraquecimento dos limites da família e da sua coesão (Sousa, Ribeiro & Rodrigues, 2006). Devido aos seus efeitos negativos, Colapinto (1995) propôs, para estas famílias, a designação de famílias diluídas, uma vez que estas acabam por se diluir, como unidade familiar, numa unidade maior, em que, elementos externos como técnicos das instituições de acolhimento, programas de reabilitação de drogas ou álcool ou tribunais, por exemplo, têm papéis decisivos nos processos familiares, acabando por se tornar gestores destas famílias.

O efeito da diluição destas famílias é caracterizado pela perda ou enfraquecimento das ligações entre os seus membros, no seguimento de uma intervenção por parte dos serviços sociais. Ao longo da sua intervenção, os técnicos acabam por interromper algumas transações familiares, assim como, acabam por impedir que novas transações se venham a desenvolver, diminuindo as relações e conexões entre os membros da família (Sousa, 2005; Colapinto, 1995). Adicionalmente, este tipo de intervenção acaba por retirar a responsabilidade das famílias e dificultar a emergência e ativação de novas competências familiares (Ausloos, 1996). De acordo com Sousa (2005), este efeito da diluição vê-se ampliado, quando as famílias apresentam diversas dificuldades, levando à intervenção de diferentes serviços. Pois, muitas vezes, estas famílias apresentam um acumular de vários problemas a vários níveis, o que leva, frequentemente, a que uma mesma família seja alvo da intervenção de diferentes entidades e técnicos (Matos & Sousa, 2004).

Nas fases mais avançadas da diluição familiar, a família muda o seu foco de atividade de uma dinâmica interpessoal para a interação entre os técnicos e a família (Sousa, 2005; Colapinto, 1995).

De forma a combater a diluição familiar e os restantes efeitos negativos relacionados com as intervenções baseadas nos problemas das famílias, é importante ter presente o facto de existirem competências intrínsecas a estas famílias que merecem um esforço no sentido de as manter e melhorar (Colapinto, 1995). Partindo desta ideia, é preciso ter em conta que estas famílias possuem competências que podem estar parcialmente paralisadas, as famílias podem não saber como as utilizar, podem não as ter em algumas áreas, não reconhecer que as têm ou podem estar bloqueadas em padrões repetitivos de organização que não funcionam, mas transmitem segurança por serem habituais (Sousa & Ribeiro, 2005; Ausloos, 1996). Para além disto, o facto de estas famílias receberem intervenções de diferentes entidades pode contribuir para o bloqueio das suas competências, no sentido de que ao procurarem e receberem apoio as famílias não têm espaço para ativar as suas próprias competências (Sousa & Ribeiro, 2005).

Existem evidências práticas e de investigação comunitária que demonstram que o modelo de intervenção centrado nas competências é eficaz, por exemplo, num estudo de Cunningham e Henggeler (1999), estes mostraram que a identificação e reconhecimento das competências das famílias estão relacionados com a eficácia e o envolvimento das famílias na intervenção.

A valorização das competências é, assim, uma forma de capacitar as famílias, tornando-as capazes de desenvolver as suas próprias soluções e aumentar os seus sentimentos de confiança e competência (Sousa, 2005). De acordo com Ausloos (1996, p. 35), "as famílias têm as competências necessárias para efetuarem as transformações de que precisam com a condição de as deixarmos experimentar as suas autossoluções e ativarmos o processo que as autoriza a isso".

No que toca a estas famílias e, focando-nos na realidade do acolhimento institucional, é possível atribuir-lhes variadas competências e capacidades. Em relação às crianças e jovens em acolhimento institucional, apesar do facto de parecem estar sujeitos a uma maior quantidade de fatores de risco, quando comparados com os fatores protetores, num estudo de Calheiros, Lopes e Patrício (2011), os dados recolhidos através de um instrumento desenvolvido neste estudo (Residential Care Youth Needs Assessment) revelaram que, em média, estes jovens têm pontuações mais elevadas em termos de fatores protetores do que dos fatores de risco.

Parecem existir evidências de que, a manutenção da relação entre as crianças e jovens e os seus pais têm um impacto positivo, atuando como fator protetor, no que toca ao aparecimento de sintomas depressivos (Dell'Aglio, & Hutz, 2004; Abaid, Dell'Aglio, & Koller, 2010). O

relacionamento com os pais parece funcionar, também, como fator protetor face a eventos stressores (Dell'Aglio, & Siqueira, 2010).

Relativamente às redes de apoio social e afetivo de adolescentes em acolhimento institucional, Siqueira, Betts e Dell'Aglio (2006) depararam-se com o facto de que a família foi considerada pelos jovens como uma importante rede de apoio. Num artigo semelhante, Siqueira, Tubino, Schwarz e Dell'Aglio (2009), a família das crianças e jovens foi considerada como uma importante ou a principal fonte de apoio destes, com o predomínio de uma visão positiva acerca desta, apresentando relações próximas e de qualidade.

Garnezy (1991) salientou, também que, apesar das dificuldades e riscos a que as famílias mais pobres aparentam estar expostas, é possível encontrar percursos de sucesso que se devem às capacidades e competências tanto das crianças e jovens como das suas famílias.

Relativamente às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, foi possível perceber que, num estudo de Griffith, Ingram, Barth, Trout, Hurley, Thompson e Epstein, (2009), além das fragilidades, os pais das crianças demonstraram apresentar alguns pontos fortes, como a capacidade de comunicar honestamente com os filhos, reconhecer e reforçar o seu bom comportamento e capacidade de os monitorizar e acompanhar de perto.

#### **4. Objetivos específicos do estudo**

O presente estudo procura, explorar que imagens estão associadas a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, ou seja, a que atributos é que as pessoas recorrem para as descrever, utilizando, como termo de comparação, famílias de estatuto socioeconómico médio (estas famílias foram escolhidas pelo facto de se apresentarem como um ponto médio e mais comum do que as famílias de estatuto socioeconómico baixo ou alto).

Para além disto, pretende-se, também, perceber quais as fontes de variabilidade destas imagens, ou seja, se estas variam em função da idade do alvo, ou em função das variáveis sociodemográficas destes (sexo, escalão etário, se trabalha ou não na área de crianças e menores em risco e perigo, por exemplo).

## CAPÍTULO II - Método

### 5. Participantes

A amostra do presente estudo foi composta por 85 participantes. Esta é considerada uma amostra não probabilística ou não aleatória, pois a probabilidade de um determinado elemento pertencer à amostra não é igual à dos restantes elementos (Maroco, 2010). Trata-se, portanto, de uma amostra de conveniência.

Dos participantes, 69 eram do sexo feminino e 16 do sexo masculino. Estes apresentaram uma idade média de 32,66 anos ( $DP = 2,585$ ), tendo as idades variado entre os 18 e os 61 anos (ver quadro 1).

Como é possível observar no quadro 1, 36,5% da amostra teve, em algum momento da sua vida, contacto com crianças ou jovens em instituições em diversificadas circunstâncias (contacto profissional, contacto informal, etc.) e, 15,3% dos participantes trabalham nesta área ou exercem as suas profissões em locais como CPCJ e Escolas, por exemplo.

A composição da amostra variou, ainda, em estado civil, habilitações literárias, profissão, rendimento médio mensal individual e do agregado dos participantes, no facto de ter, ou não, filhos e quantos (ver quadro 1).

Quadro 1.

#### *Caracterização da amostra*

Variáveis sociodemográficas		N	%
Sexo	Feminino	69	81,2
	Masculino	16	18,8
		Total=85	Total=100
Escala etária	18 a 20 anos	15	17,6
	20 a 30 anos	30	35,3
	30 a 40 anos	15	17,6
	Mais de 40 anos	23	27,1
		Total=83	Total=97,6
Contacto com crianças ou jovens em acolhimento institucional	Sim	31	36,5
	Não	54	63,5
		Total=85	Total=100
Circunstâncias do contacto	Vida privada	8	25,8
	Vida profissional	21	67,7
	Ambas	2	6,5

## Imagens das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional

		Total=31	Total=100
Trabalha na área de crianças em risco e perigo	Sim	13	15,3
	Não	71	83,5
		Total=84	Total=98,8
Trabalho	Em instituições	3	23
	Na comunidade	10	77
		Total=13	Total=100
Estado civil	Solteiro(a)	53	62,4
	Casado/Viúvo/Separado	31	36,5
		Total=84	Total=98,9
Habilitações literárias	Até ao 12º ano	34	39,9
	Licenciatura	38	44,7
	Mestrado	10	11,8
		Total=82	Total=96,4
Profissão	Técnicos	43	50,5
	Trabalhadores da administração e serviços	6	7,1
	Trabalhadores da indústria e não qualificados	6	7,1
	Estudante	25	29,4
		Total=80	Total=94,1
Rendimento médio mensal individual	<1000 euros	36	42,4
	Mais de 1000 euros	27	31,7
		Total=63	Total=74,1
Rendimento médio mensal do agregado familiar	<1000 euros	12	14,1
	1000-2000 euros	30	35,3
	Mais de 2000 euros	17	20
		Total=59	Total=69,4
Tem filhos?	Sim	25	29,4
	Não	60	70,6
		Total=85	Total=100
Quantos filhos?	1	9	36
	2 ou 3	16	64
		Total=25	Total=100

## 6. Instrumentos

O instrumento utilizado é um questionário aberto, organizado em três partes, que acede às imagens de famílias com filhos em acolhimento institucional e às imagens de famílias de estatuto socioeconómico médio, assim como às variáveis sociodemográficas dos

participantes. Este questionário foi criado propositadamente para este estudo e compreende 4 versões diferentes (ver Anexo A).

No início de cada questionário, existe uma pequena introdução comum às 4 versões em que são explicados os objetivos do estudo.

Para as duas primeiras partes do questionário, é pedido ao participante que escreva 5 traços ou atributos que associa com um determinado alvo (família de criança ou jovem em acolhimento institucional ou família de criança ou jovem de estatuto socioeconómico médio).

Este instrumento foi construído, tendo por base um design de investigação 2 (idade; crianças entre os 0 e os 12 anos e jovens entre os 12 e os 18 anos) x 2 (ordem; cenário com um contexto família de nível socio económico médio, seguido pelo cenário de um contexto de família com criança ou jovem em instituição de acolhimento ou vice-versa). É um design intersujeitos e, tem como objetivo compreender se existe influência da ordem dos itens ou da idade dos alvos (criança ou jovem) nas respostas dadas pelos participantes.

Na parte final do questionário é perguntado aos participantes se têm algum tipo de contacto com menores em acolhimento institucional, quais as circunstâncias deste contacto, se trabalham na área de crianças em risco e perigo e em que resposta social. São, ainda, questionados acerca da sua idade, rendimentos, habilitações literárias, entre outras.

## **7. Procedimento de recolha de dados**

Os dados foram recolhidos através da aplicação individual dos questionários presencialmente ou, em alguns dos casos, por correio eletrónico.

Foi assegurado aos participantes que o foco de interesse deste estudo seria apenas as suas opiniões, não havendo respostas certas ou erradas. Os participantes foram, igualmente, informados de que podiam abandonar o estudo a qualquer momento e que todos os dados recolhidos eram confidenciais e seriam utilizados apenas para fins de investigação científica.

Cada um dos participantes preencheu apenas uma das versões do questionário.

No final do preenchimento dos questionários, foram-lhes explicados integralmente os seus objetivos e esclarecidas todas as dúvidas que possam ter surgido.

## **8. Procedimento da análise de dados**

A análise de dados do presente estudo deu-se em quatro fases diferentes.

Numa primeira fase, foi realizada uma análise de conteúdo temática qualitativa consensual (Hill et al., 2005). Assim, partindo das respostas dos participantes, esta análise foi realizada

com o objetivo de reduzir a informação recolhida, agregando em diferentes categorias os diferentes atributos associados a cada um dos tipos de família (família de crianças e jovens em acolhimento institucional e famílias de estatuto socioeconómico médio), de acordo com o seu significado.

Dada a natureza das respostas aos questionários (5 traços ou atributos associados a uma família), a segmentação de dados foi feita utilizando como unidade de registo a palavra, salvo raras exceções, em que os participantes utilizaram mais do que uma palavra para responder (por exemplo, "divertida no meio familiar"). Foram excluídas das análises, todas as palavras ou frases que não eram atributos e/ou não correspondiam ao que era perguntado (ex. "pode ser uma família normal que por determinado motivo perdeu a autonomia").

Após a exclusão destas respostas, dois investigadores, em conjunto, desenvolveram um dicionário de categorias consensual onde estavam contidas todas as unidades de análise selecionadas. Estas categorias foram, também, analisadas por estes investigadores em termos da sua valência.

As categorias e o respetivo dicionário foram construídos a partir dos dados, pois trata-se de um estudo exploratório sobre o qual não existe literatura específica, não havendo, assim, forma de delinear categorias *a priori*.

Após a sua construção, este sistema de codificação foi analisado por um investigador sénior e adaptado tendo em conta as suas recomendações. Todas as unidades de análise foram codificadas de acordo com o dicionário de categorias revisto (ver quadro 1, Anexo B).

De forma a verificar a confiabilidade deste sistema de codificação, foi pedido a um investigador independente que codificasse cerca de 18% dos atributos referidos pelos participantes de acordo com o sistema de codificação desenvolvido, permitindo o cálculo do acordo intercodificadores. Foram calculados dois valores do acordo intercodificadores diferentes: um deles entre os dois primeiros investigadores que desenvolveram o dicionário de categorias (Kappa de Cohen = 0,962;  $p < 0,001$ ) e um segundo para o acordo entre um dos investigadores anteriores e o investigador independente (Kappa de Cohen = 0,773;  $p < 0,001$ ).

Foi então, realizada uma análise de frequências das categorias criadas.

Seguidamente, foram realizados Testes Z para analisar as diferenças na associação dos atributos às famílias de estatuto socioeconómico médio e a famílias de jovens institucionalizados.

Numa segunda fase, fazendo recurso a Testes Z, testaram-se os efeitos de ordem e idade do alvo (i.e., em que medida os atributos relacionados a estas famílias foram

significativamente diferentes consoante a ordem de apresentação das duas primeiras partes do instrumento e a idade do alvo em avaliação).

Numa terceira fase, foi utilizada a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), para cada tipologia de família, com o objetivo de analisar a interdependência entre as diferentes categorias e criar perfis a partir destas.

Os critérios de seleção das variáveis de input para esta análise foram os que se seguem: utilização das categorias que apresentavam uma frequência de respostas superior ou igual a 10 atributos, o facto de estas categorias terem apresentado diferenças significativas nos Testes Z relativos às diferenças na associação das categorias às duas tipologias de família e o facto de serem consideradas relevantes do ponto de vista teórico.

A partir destes critérios, foram seleccionadas 10 categorias para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e 9 categorias para as famílias de estatuto socioeconómico médio, que serviram como variáveis ativas, ou de input, para a análise.

Os resultados da ACM indicaram que se poderiam extrair duas dimensões para cada tipologia de família, que foram posteriormente descritas e examinadas.

Posteriormente, recorreu-se à Análise de Clusters de forma a definir quais os perfis que os participantes atribuíram aos dois tipos de família. A seleção das variáveis foi feita com base nos mesmos critérios utilizados para a seleção de variáveis na ACM. Foi conduzida uma Análise de Clusters Hierárquica para cada uma das tipologias de família utilizando o critério de *Ward*. Posteriormente, foram analisados os gráficos dos coeficientes de fusão com o objetivo de identificar qual o número de clusters, ou perfis, a reter para cada uma das famílias. Foi conduzida uma análise de clusters não hierárquica para otimizar e classificar as soluções encontradas. Numa quarta fase, com base nos clusters definidos, utilizou-se o teste do Qui-quadrado com o objetivo de perceber quais as diferenças na atribuição dos diferentes perfis tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes.

### CAPÍTULO III - Resultados

#### 9. Atributos associados a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e a famílias de estatuto socioeconómico médio

##### 9.1 Descrição dos atributos relativos às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e a famílias de estatuto socioeconómico médio

Na resposta aos questionários obteve-se um total de 758 atributos associados a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e a famílias de estatuto socioeconómico médio. Cada participante atribuiu uma média de, aproximadamente, 6 atributos a estas duas tipologias de famílias.

A partir destes atributos, foram criadas 40 categorias diferentes tendo em conta o seu significado (ver quadro 2) e analisados em termos da sua valência.

Quadro 2.

*Frequências dos atributos associados a cada tipo de família de acordo com as categorias elaboradas*

Categorias	Família SES Médio	Família Instituição	Total
Estabilidade/Organização/Coesão	55	1	56
Instável/Desorganizada/Não coesa	2	66	68
Saudável	3	0	3
Doente	1	12	13
Felicidade/Bem-estar	57	0	57
Infeliz/Mal-estar	7	39	46
Afetuosa	26	1	27
Sem afeto	4	9	13
Atenta/Preocupada/Responsável	48	3	51
Desatenta/Despreocupada/Irresponsável	3	45	48
Ocupada/Ausente	7	4	11
Disponível/Presente	4	0	4
Segura/Acolhedora/Protetora	26	0	26
Insegura	0	8	8
Sociável/Com suporte social	15	0	15
Não sociável/Sem suporte social	2	6	8
SES médio/alto	35	0	35
SES baixo	2	58	60
Virtudes/Bons valores	20	6	26
Defeitos	8	21	29

## Imagens das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional

Normal	7	0	7
Problemática/De risco	0	21	21
Ideal	3	0	3
Exigente	8	1	9
Tolerante	2	2	4
Autoritária	4	2	6
Permissiva	3	2	5
Ativa/Dinâmica/Independente	6	1	7
Passiva/Comodista	1	5	6
Ambiciosa	3	0	3
Sem ambição	3	4	7
Negligente	0	15	15
Agressiva	0	13	13
Cooperante	2	0	2
Adaptada	2	0	2
Desadaptada	0	7	7
Desempregados/Pouco trabalhadores	0	7	7
Empregados/Trabalhadores	15	0	15
Com dificuldades/Incapacidades	1	11	12
Numerosa	0	3	3
	Total=385	Total=373	Total=758

No que toca aos atributos referidos acerca das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, foram registados um total de 373 atributos. Destes atributos, 15 foram considerados positivos, 355 foram considerados negativos e 3 foram considerados neutros. Partindo desta informação, é importante referir a grande disparidade entre os atributos positivos e negativos atribuídos pelos participantes a este tipo de família.

Como se pode observar no quadro 2, as categorias mais frequentemente associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional são as categorias "Instável/Desorganizada/Não coesa" (n = 66) (ex. inconstante, desregrada, separada) e "SES baixo" (n = 58) (ex. pouco instruída, pobre, sem recursos). Entre as categorias criadas, 12 não foram atribuídas a estas famílias: "Saudável", "Felicidade/Bem-estar", "Disponível/Presente", "Segura/Acolhedora/Protetora", "Sociável/Com suporte social", "SES médio/alto", "Normal", "Ideal", "Ambiciosa", "Cooperante", "Adaptada" e "Empregados/Trabalhadores".

As categorias positivas mais frequentemente associadas a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional foram: "Virtudes/Bons valores" (n = 6) (ex. honesta, generosa, simples) e "Atenta/Preocupada/Responsável" (n = 3) (ex. preocupada, preocupação). As categorias negativas mais frequentemente associadas a estas famílias correspondem às categorias que mais lhes foram associadas em geral ("Instável/Desorganizada/Não coesa" e "SES baixo").

Relativamente aos atributos que se referem a famílias de estatuto socioeconómico médio, houve um total de 385 respostas. Destes atributos, 330 foram considerados positivos, 48 foram considerados negativos e 7 foram considerados neutros. Neste tipo de família encontra-se um padrão de resposta inverso ao observado anteriormente, pois foram associados muito mais atributos positivos do que atributos negativos.

Ao analisar o quadro anterior, é possível compreender que as categorias de maior frequência para estas famílias foram: "Felicidade/Bem-estar" (n = 57) (ex: alegre, equilibrada, harmoniosa) e "Estabilidade/Organização/Coesão" (n = 55) (ex: estável, estruturada, unida). Entre as categorias criadas, 7 delas não foram atribuídas a estas famílias, são elas: "Insegura", "Problemática/De risco", "Negligente", "Agressiva", "Desadaptada", "Desempregados/Pouco trabalhadores" e "Numerosa".

As categorias positivas mais frequentemente associadas a famílias de crianças e jovens de estatuto socioeconómico médio são, simultaneamente as categorias de maior frequência associadas a estas famílias ("Felicidade/Bem-estar" e "Estabilidade/Organização/Coesão"). As categorias com valência negativa mais frequentemente associadas a estas famílias foram as categorias: "Defeitos" (n = 8) (ex. egoísta, materialista, arrogante), "Ocupada/Ausente" (n = 7) (ex. ocupada, com pouco tempo, ausente) e "Infeliz/Mal-estar" (n = 7) (ex. triste, frustrada, nervosa).

## 9.2. Diferenças nos atributos relativos às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e a famílias de estatuto socioeconómico médio

De forma a analisar as diferenças na atribuição das categorias, foram realizados Testes Z (ver quadro 3).

Quadro 3.

*Diferenças na atribuição das categorias às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e a famílias de estatuto socioeconómico médio*

Categorias	Famílias SES		Famílias		Teste Z
	Médio		Instituição		
	N=85		N=85		
	F	%	F	%	
Estabilidade/Organização/Coesão	38	44,71	1	1,18	6,74929***
Instável/Desorganizada/Não coesa	2	2,35	47	55,29	-7,61985***
Saudável	3	3,53	0	0,00	1,74754
Doente	1	1,18	12	14,12	-3,17465**

Imagens das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional

Felicidade/Bem-estar	40	47,06	0	0,00	7,23241***
Infeliz/Mal-estar	3	3,53	30	35,29	-5,23565***
Afetuosa	21	24,71	1	1,18	4,56996***
Sem afeto	2	2,35	7	8,24	-1,71262
Atenta/Preocupada/Responsável	35	41,18	3	3,53	5,89109***
Desatenta/Despreocupada/Irresponsável	3	3,53	36	42,35	-6,01964***
Ocupada/Ausente	6	7,06	4	4,71	0,65192
Disponível/Presente	4	4,71	0	0,00	2,02395*
Segura/Acolhedora/Protetora	20	23,53	0	0,00	4,76095***
Insegura	0	0,00	7	8,24	-2,70196**
Sociável/Com suporte social	13	15,29	0	0,00	3,75186***
Não sociável/Sem suporte social	2	2,35	6	7,06	-1,44871
SES médio/alto	27	31,76	0	0,00	5,66550***
SES baixo	2	2,35	44	51,76	-7,25077***
Virtudes/Bons valores	17	20,00	4	4,71	3,03016**
Defeitos	6	7,06	19	22,35	-2,81523**
Normal	6	7,06	0	0,00	2,49389*
Problemática/De risco	0	0,00	20	23,53	-4,76095***
Ideal	3	3,53	0	0,00	1,74754
Exigente	8	9,41	1	1,18	2,39766*
Tolerante	2	2,35	1	1,18	0,58251
Autoritária	4	4,71	1	1,18	1,36182
Permissiva	3	3,53	2	2,35	0,45394
Ativa/Dinâmica/Independente	5	5,88	1	1,18	1,66260
Passiva/Comodista	1	1,18	5	5,88	-1,66260
Ambiciosa	3	3,53	0	0,00	1,74754
Sem ambição	3	3,53	3	3,53	0,00000
Negligente	0	0,00	15	17,65	-4,05606***
Agressiva	0	0,00	13	15,29	-3,75186***
Cooperante	2	2,35	0	0,00	1,42261
Adaptada	2	2,35	0	0,00	1,42261
Desadaptada	0	0,00	7	8,24	-2,70196**
Desempregados/Pouco trabalhadores	0	0,00	7	8,24	-2,70196**
Empregados/Trabalhadores	15	17,65	0	0,00	4,05606***
Com dificuldades/Incapacidades	1	1,18	9	10,59	-2,60768**
Numerosa	0	0,00	3	3,53	-1,74754

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

De acordo com a análise, foram encontradas diferenças significativas na proporção com que cada atributo foi referido para as duas tipologias de família, sendo que a quantidade de atributos associados às categorias "Instável/Desorganizada/Não coesa" (N=47), "Doente" (N=12), "Infeliz/Mal-estar" (N=30), "Desatenta/Despreocupada/Irresponsável" (N=36),

"Insegura" (N=7), "SES baixo" (N=44), "Defeitos" (N=19), "Problemática/De risco" (N=20), "Negligente" (N=15), "Agressiva" (N=13), "Desadaptada" (N=7), "Desempregados/Pouco trabalhadores" (N=7) e "Com dificuldades/Incapacidades" (N=9) foi significativamente superior para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional do que para as famílias de estatuto socioeconómico médio (ver quadro 3).

Por outro lado, a quantidade de atributos relativos às categorias "Estabilidade/Organização/Coesão" (N=38), "Felicidade/Bem-estar" (N=40), "Afetuosa" (N=21), "Atenta/Preocupada/Responsável" (N=35), "Disponível/Presente" (N=4), "Segura/Acolhedora/Protetora" (N=20), "Sociável/Com suporte social" (N=13), "Virtudes/Bons valores" (N=17), "Normal" (N=6), "Exigente" (N=8), "Empregados/Trabalhadores" (N=15) e "SES médio/alto" (N=27) foi significativamente superior para as famílias de estatuto socioeconómico médio do que para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional (ver quadro 3).

## 10. Efeitos de ordem e da idade do alvo

### 10.1. Ordem

A utilização de Testes Z permitiu examinar as diferenças na atribuição das categorias às duas tipologias de família, tendo em conta a ordem de apresentação das duas primeiras partes do instrumento (ver quadro 4).

Quadro 4.

*Diferenças na atribuição das categorias, para as famílias de estatuto socioeconómico médio, tendo em conta a ordem das duas primeiras partes do instrumento<sup>1</sup>*

Categorias	Famílias SES médio				Teste Z
	Ordem 1		Ordem 2		
	N=45		N=40		
	F	%	F	%	
Atenta/Preocupada/Responsável	13	28,89	22	55,00	-2,44147*
SES médio/alto	19	42,22	8	20,00	2,19653*

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

*Nota.* Ordem 1 - Família de estatuto socioeconómico médio e Família de criança ou jovem em acolhimento institucional; Ordem 2 - Família de criança ou jovem em acolhimento institucional e Família de estatuto socioeconómico médio

<sup>1</sup> No quadro estão apenas apresentados os resultados significativos, os resultados relativos às restantes categorias podem ser consultados nos quadros 2.1 e 2.2 do Anexo C.

De acordo com o quadro 4, verificámos que as categorias "Atenta/Preocupada/Responsável" e "SES médio/alto" apresentaram diferenças significativas consoante a ordem de apresentação das duas primeiras partes do instrumento para as famílias de estatuto socioeconómico médio. Assim, a categoria "Atenta/Preocupada/Responsável" foi significativamente mais atribuída a famílias de estatuto socioeconómico médio, quando o instrumento apresentava primeiro a parte relativa às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, seguida da parte sobre as famílias de estatuto socioeconómico médio (N=22), do que quando o instrumento estava organizado seguindo a ordem inversa (N=13). A categoria "SES médio/alto" foi significativamente mais atribuída a famílias de estatuto socioeconómico médio, quando o instrumento apresentava primeiro a parte relativa às famílias de estatuto socioeconómico médio, seguida da parte sobre as famílias de crianças ou jovens em acolhimento institucional (N=19), do que quando o instrumento estava organizado seguindo a ordem inversa (N=8).

Não foram encontradas diferenças relativas à ordem para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional (ver quadro 2.1 do Anexo C).

## 10.2. Idade

Através do Teste Z, foi possível analisar as diferenças na atribuição das categorias às duas tipologias de família, tendo em conta a idade do alvo apresentado no instrumento (ver quadros 5.1 e 5.2).

### Quadro 5.1.

*Diferenças na atribuição das categorias, para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, tendo em conta a idade do alvo apresentado<sup>2</sup>*

Categorias	Famílias Instituição				Teste Z
	Jovem		Criança		
	N=38		N=47		
	F	%	F	%	
Com dificuldades/Incapacidades	1	2,63	8	17,02	-2,14375*

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

<sup>2</sup> No quadro estão apenas apresentados os resultados significativos, os resultados relativos às restantes categorias podem ser consultados no quadro 3.1 do Anexo C.

Foram encontradas diferenças significativas para a categoria "Com dificuldades/Incapacidades" consoante a idade do alvo, tendo-se verificado que esta categoria foi significativamente mais atribuída às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional quando o alvo era uma criança (N=8) do que quando era um jovem (N=1).

Quadro 5.2.

*Diferenças na atribuição das categorias, para as famílias de estatuto socioeconómico médio, tendo em conta a idade do alvo apresentado<sup>3</sup>*

Categorias	Famílias Instituição				Teste Z
	Jovem		Criança		
	N=38		N=47		
	F	%	F	%	
Ocupada/Ausente	0	0,00	6	12,77	-2,28462*
Virtudes/Bons valores	12	31,58	5	10,64	2,39972*

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

Para as famílias de estatuto socioeconómico médio, foram encontradas diferenças significativas relativas à idade do alvo nas categorias "Ocupada/Ausente" e "Virtudes/Bons valores". Assim, a categoria "Ocupada/Ausente" foi significativamente mais atribuída às famílias de estatuto socioeconómico médio quando o alvo era uma criança (N=6) do que quando era um jovem (N=0). Por outro lado, a categoria "Virtudes/Bons valores" foi significativamente mais associada a famílias de estatuto socioeconómico médio, quando o alvo era um jovem (N=12) do que quando era uma criança (N=5).

## **11. Análise dos perfis das categorias associadas a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional e famílias de estatuto socioeconómico médio**

### **11.1. Famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional (ACM)**

Foi utilizada a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) com o objetivo de averiguar a interdependência entre as diferentes categorias e criar perfis a partir destas.

Foram utilizadas como variáveis de input, numa primeira ACM, as 10 categorias selecionadas tendo em conta os três critérios descritos anteriormente (utilização das categorias que apresentavam uma frequência de respostas superior ou igual a 10 atributos, o

<sup>3</sup> No quadro estão apenas apresentados os resultados significativos, os resultados relativos às restantes categorias podem ser consultados no quadro 3.2 do Anexo C.

facto de estas categorias terem apresentado diferenças significativas nos Testes Z e o facto de serem consideradas relevantes do ponto de vista teórico).

Desta análise foram extraídas duas dimensões, que explicam em conjunto 30,13% da variância (26,86% para a primeira e 13,27% para a segunda) (ver quadro 6).

Quadro 6.

*Medidas de discriminação para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional*

Categorias	Dimensão		Média
	1	2	
Instável/Desorganizada/Não coesa	<b>,337</b>	,008	,173
Doente	,001	<b>,254</b>	,128
Infeliz/Mal-estar	,234	,140	,187
Desatenta/Despreocupada/Irresponsável	,138	,009	,074
SES baixo	,061	<b>,388</b>	,225
Defeitos	,004	,064	,034
Problemática/De risco	<b>,323</b>	,001	,162
Negligente	<b>,488</b>	,119	,303
Agressiva	,008	<b>,340</b>	,174
Com dificuldades/Incapacidades	,091	,002	,047
Total Ativo	1,686	1,327	1,506
% de Variância	16,860	13,265	15,062

Como é possível verificar através da leitura do quadro 6, algumas das variáveis apresentaram valores de discriminação baixos, isto é, inferiores a 0,200 ("Desatenta/Despreocupada/Irresponsável", "Defeitos", "Com dificuldades/Incapacidades"), e outras variáveis apresentam valores de discriminação próximos nas duas dimensões ("Infeliz/Mal estar"), o que fez com que estas fossem consideradas pouco determinantes para a definição das mesmas.

Assim, e tendo em conta apenas as variáveis determinantes para cada uma das dimensões, destacam-se, numa primeira dimensão, as variáveis "Instável/Desorganizada/Não coesa", "Problemática/De risco" e "Negligente", o que remete para uma dimensão representativa de negligência, sobretudo ao nível da estrutura familiar e da exposição a diferentes problemáticas familiares e situações de risco.

A segunda dimensão é caracterizada pelas variáveis "Doente", "SES baixo" e "Agressiva", o que remete para uma dimensão representativa do mau trato, com mais fatores de risco ao nível socioeconómico e da saúde física.

A representação das variáveis no plano bidimensional (Figura 1.), definido pelas dimensões acima descritas, permitiu a identificação de 3 perfis de famílias.

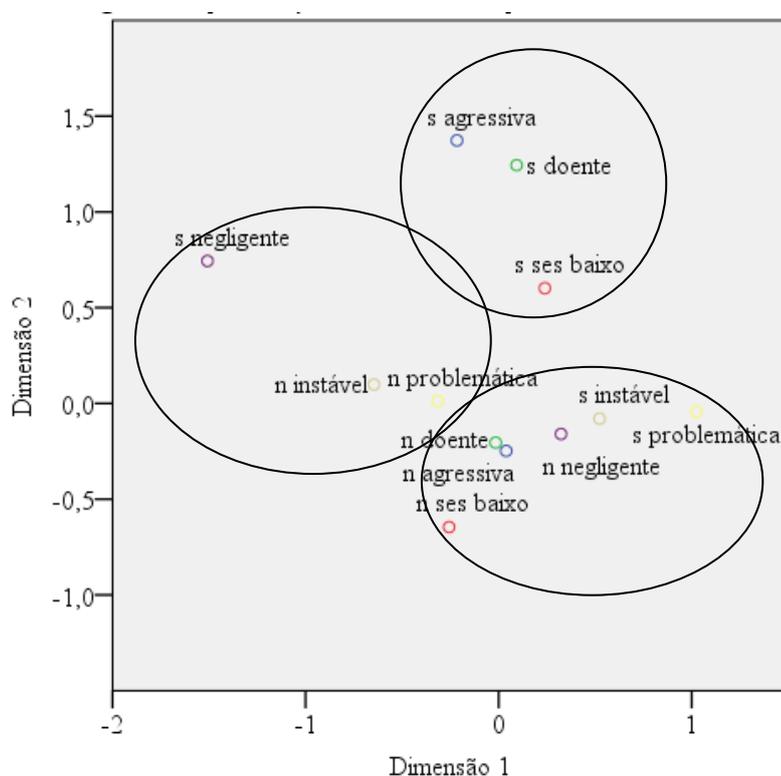


Figura 1. Representação das variáveis relativas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, no plano bidimensional

De acordo com a figura 1, são sugeridos três perfis de famílias de jovens/crianças em acolhimento institucional. Um primeiro caracterizado por famílias negligentes, que, apesar de o serem, não foram consideradas instáveis ou problemáticas, pelos participantes. Um segundo perfil constituído por famílias agressivas, doentes e com um baixo estatuto socioeconómico. E, finalmente, um terceiro perfil, composto por famílias instáveis e problemáticas que, simultaneamente, se destacaram por não serem negligentes, doentes, agressivas, nem por pertencerem a um baixo estatuto socioeconómico.

Para melhor caracterizar estes perfis, utilizou-se a idade do alvo, como variável passiva. Esta variável foi projetada graficamente no plano bidimensional, em conjunto com as variáveis descritas anteriormente (ver figura 1. Anexo D).

Este resultado permitiu observar que estes perfis são definidos independentemente da idade do alvo, sendo que nenhum dos perfis obtidos se encontrou mais associado a famílias de crianças ou famílias de jovens.

## 11.2. Famílias de estatuto socioeconómico médio (ACM)

Tal como para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, foi levada a cabo uma ACM para as famílias de estatuto socioeconómico médio.

Para esta análise foram seleccionadas 9 categorias como variáveis de input, escolhidas através dos critérios descritos previamente.

Desta análise foram extraídas duas dimensões, que explicam um total de 36,8% da variância (21,6% para a primeira e 15,2% para a segunda) (ver quadro 7).

Quadro 7.

*Medidas de discriminação para as famílias de estatuto socioeconómico médio*

Categorias	Dimensão		Média
	1	2	
Estabilidade/Organização/Coesão	,122	,098	,110
Felicidade/Bem-estar	,070	<b>,458</b>	,264
Afetuosa	<b>,244</b>	,015	,129
Atenta/Preocupada/Responsável	,066	<b>,371</b>	,219
Segura/Acolhedora/Protetora	,190	,257	,223
Sociável/Com suporte social	,051	,051	,051
SES médio/alto	,010	,112	,061
Virtudes/Bons valores	<b>,611</b>	,000	,306
Empregados/Trabalhadores	<b>,583</b>	,001	,292
Total ativo	1,947	1,364	1,655
% de variância	21,631	15,151	18,391

De acordo com os resultados expostos no quadro 7, é possível compreender que nem todas as variáveis apresentaram valores suficientemente altos ("Estabilidade/Organização/Coesão", "Sociável/Com suporte social", "SES médio"), ou que permitissem distinguir claramente entre as duas dimensões ("Segura/Acolhedora/Protetora"), o que fez com que não fossem consideradas relevantes para a definição destas.

Partindo apenas das variáveis consideradas relevantes, destacou-se uma primeira dimensão constituída pelas categorias "Afetuosa", "Virtudes/Bons valores" e "Empregados/Trabalhadores", o que remete para uma dimensão representativa das competências pessoais, profissionais e afetivas da família.

A segunda dimensão foi composta pelas variáveis "Felicidade/Bem-estar" e "Atenta/Preocupada/Responsável", o que remete para uma dimensão representativa de bem-estar familiar e competências parentais de cuidado e supervisão.

A representação das variáveis no plano bidimensional, definido pelas dimensões acima descritas, permitiu a identificação de 3 perfis de famílias. À semelhança do que foi feito para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, utilizou-se a idade do alvo, como variável passiva. Esta variável foi projetada graficamente no plano bidimensional, em conjunto com as variáveis descritas anteriormente (ver figura 2.).

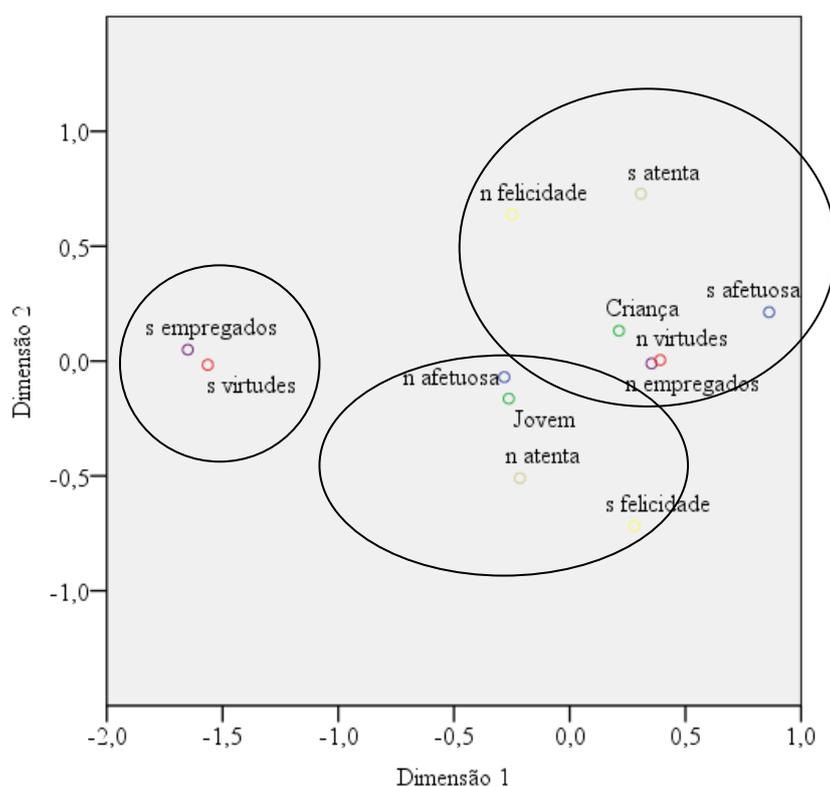


Figura 2. Representação das variáveis relativas às famílias de estatuto socioeconómico médio, no plano bidimensional

Partindo da análise da figura anterior, é possível encontrar três perfis de famílias. Um primeiro perfil caracterizado por famílias virtuosas e em que os pais estão empregados. Um segundo perfil em que as famílias são consideradas felizes, mas não atentas nem afetuosas para com os filhos. E, um terceiro perfil em que as famílias são consideradas atentas e afetuosas, mas, ao mesmo tempo, são descritas como não felizes, não virtuosas e em que os pais estão desempregados.

Tendo em conta a idade do alvo, é possível observar na figura 2 que o terceiro perfil está mais associado a famílias de crianças, enquanto o segundo perfil se encontra mais associado a famílias de jovens.

Para finalizar esta análise e, para melhor explorar os perfis de ambas as tipologias de família, a ACM foi articulada com uma Análise de Clusters. Esta nova análise torna-se importante pelo facto de a ACM ter apresentado, como resultados, dimensões estatisticamente pouco consistentes, uma vez que, para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, foram obtidos valores do alfa de Cronbach de 0,452 para a primeira dimensão e de 0,273 para a segunda; e, para as famílias de estatuto socioeconómico médio, foram obtidos valores do alfa de Cronbach de 0,547 para a primeira dimensão e de 0,300 para a segunda.

### 11.3. Famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional (Análise de Clusters)

De forma a agrupar os participantes em grupos homogéneos tendo em conta características comuns, foi realizada uma Análise de Clusters Hierárquica.

Foram utilizadas como variáveis de input, as 10 categorias seleccionadas tendo em conta os três critérios descritos anteriormente.

O critério de agregação utilizado nesta análise foi o critério de *Ward*, representado graficamente na figura 3.

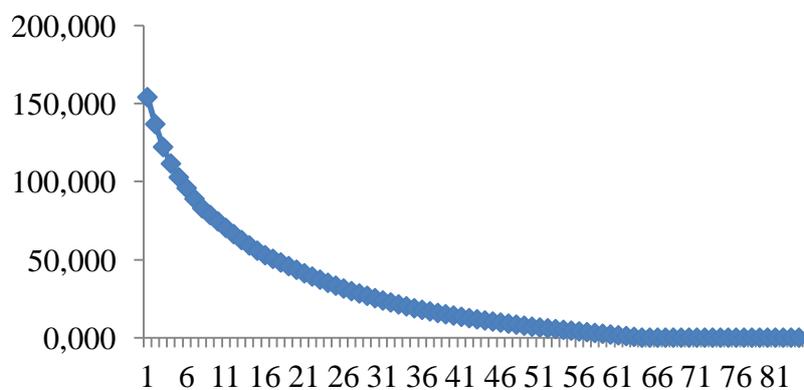


Figura 3. Coeficientes de fusão através do critério de Ward para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional

Como é possível verificar na figura 3, a distância entre os coeficientes de fusão torna-se menor a partir da segunda agregação, o que levou a que se retivessem dois Clusters. Assim, procedeu-se à realização de uma Análise de Clusters não hierárquica, que permitiu classificar os participantes nos clusters sugeridos pela análise anterior.

Para aprofundar o conhecimento destes perfis, foi testada a relação entre as variáveis de input e os grupos definidos pelos clusters através do Teste de Independência do Qui-Quadrado (ver quadro 8).

Quadro 8.

*Frequência e percentagens das variáveis por grupo e Teste de Independência do Qui-Quadrado para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional*

Variável	Grupo				Teste do Qui-Quadrado
	1		2		
	N	%	N	%	
Instável/Desorganizada/Não coesa	35	<b>74,5</b>	12	25,5	17,535***
Doente	9	75	3	25	2,454
Infeliz/Mal-estar	6	20	24	<b>80</b>	21,735***
Desatenta/Despreocupada/Irresponsável	12	33,3	24	<b>66,7</b>	10,865**
SES baixo	33	<b>75</b>	11	25	16,020***
Defeitos	10	52,6	9	47,4	0,022
Problemática/De risco	19	<b>95</b>	1	5	17,604***
Negligente	4	26,7	11	<b>73,3</b>	5,528*
Agressiva	7	53,8	6	46,2	0,000
Com dificuldades/Incapacidades	6	66,7	3	33,3	0,638

Os valores a negrito apresentam um valor ajustado dos resíduos igual ou superior a 2.

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

Relativamente às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, observou-se que o primeiro perfil é composto por 46 participantes e o segundo por 39. Tal como se pode observar no quadro 8, o primeiro perfil apresenta uma descrição, de forma geral, desfavorável destas famílias, uma vez que compreende maioritariamente categorias de valência negativa.

Neste perfil, as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional foram descritas maioritariamente com recurso às categorias "Problemática/De risco" (95%), "SES baixo" (75%) e "Instável/Desorganizada/Não coesa" (74,5%). Assim, estas famílias foram consideradas como sendo problemáticas e de risco, foram, também, associadas a um estatuto socioeconómico baixo, ou seja, a condições económicas e habitacionais desfavoráveis, a falta de recursos e a uma baixa escolaridade, educação e cultura. Adicionalmente, estas famílias foram vistas como desorganizadas, desestruturadas, desunidas, instáveis e disfuncionais.

Por outro lado, as famílias deste perfil destacam-se das famílias do segundo perfil por serem consideradas menos desatentas, despreocupadas, irresponsáveis, inconscientes, com

mais cuidados e, em geral, menos desinteressadas em relação aos filhos. São, também, menos negligentes e menos infelizes e experienciam menos mal-estar subjetivo, são mais realizadas, menos revoltadas, angustiadas, desequilibradas e apresentam menos sentimentos de culpa do que as famílias do segundo perfil.

O segundo perfil apresenta, à semelhança do perfil anterior, uma descrição desfavorável das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, sendo que também é descrito com recurso à utilização de categorias de valência negativa. Estas famílias foram descritas mais frequentemente com recurso às categorias "Infeliz/Mal-estar" (80%), "Negligente" (73,3%) e "Desatenta/Despreocupada/Irresponsável" (66,7%). Como tal, estas famílias foram vistas como infelizes e com mal-estar subjetivo, não realizadas, revoltadas, angustiadas, desequilibradas e com sentimentos de culpa. Foram, ainda, descritas como sendo negligentes e desatentas, despreocupadas, irresponsáveis, inconscientes, sem cuidados e, em geral, desinteressadas no que toca aos filhos.

Por outro lado, este perfil destacou-se do primeiro perfil pela negativa, uma vez que estas famílias foram consideradas menos desorganizadas, desestruturadas, desunidas, instáveis e disfuncionais do que as do primeiro perfil. Foram, também, menos associadas a um estatuto socioeconómico baixo, ou seja, foram descritas como apresentando condições económicas e habitacionais menos desfavoráveis, a uma menor falta de recursos e consideradas como tendo uma maior escolaridade, educação e cultura do que as famílias do primeiro perfil. Adicionalmente foram consideradas como menos problemáticas e menos em risco.

#### **11.4. Famílias de estatuto socioeconómico médio (Análise de Clusters)**

Foi realizada uma Análise de Clusters Hierárquica para as famílias de estatuto socioeconómico médio.

Foram utilizadas como variáveis de input, as 9 categorias selecionadas tendo em conta os critérios apresentados previamente.

O critério de agregação utilizado nesta análise foi o critério de *Ward*, representado graficamente na figura 4.

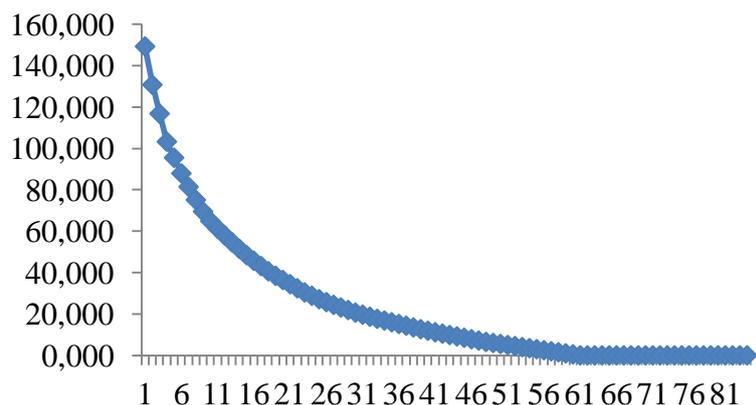


Figura 4. Coeficientes de fusão através do critério de Ward para as famílias de estatuto socioeconómico médio

Como é visível na figura 4, a distância entre os coeficientes de fusão torna-se menor a partir da segunda agregação, o que levou a que fossem retidos dois Clusters.

Procedeu-se à execução de uma Análise de Clusters não hierárquica, que possibilitou a classificação dos participantes nos clusters sugeridos pela análise anterior. A relação entre as variáveis de input e os grupos definidos pelos clusters foi testada utilizando o Teste de Independência do Qui-Quadrado (ver quadro 9).

Quadro 9.

*Frequência e percentagens das variáveis por grupo e Teste de Independência do Qui-Quadrado para as famílias de estatuto socioeconómico médio*

Variável	Grupo				Teste do Qui-Quadrado
	1		2		
	N	%	N	%	
Estabilidade/Organização/Coesão	28	<b>73,7</b>	10	17,9	11,869**
Felicidade/Bem-estar	13	32,5	27	<b>67,5</b>	12,672***
Afetuosas	3	14,3	18	<b>85,7</b>	16,728***
Atenta/Preocupada/Responsável	12	34,3	23	<b>65,7</b>	8,312**
Segura/Acolhedora/Protetora	3	15	17	<b>85</b>	15,112***
Sociável/Com suporte social	9	69,2	4	30,8	1,635
SES médio/alto	12	44,4	15	55,6	1,147
Virtudes/Bons valores	16	<b>94,1</b>	1	5,9	14,462***
Empregados/Trabalhadores	14	<b>93,3</b>	1	6,7	11,928**

Os valores a negrito apresentam um valor ajustado dos resíduos igual ou superior a 2.

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

Quanto às famílias de estatuto socioeconómico médio, foi possível identificar dois perfis, um primeiro constituído por 45 participantes e um segundo constituído por 40 participantes.

Como é possível observar no quadro 9, o primeiro perfil apresenta uma descrição favorável e positiva destas famílias, pois compreende maioritariamente categorias de valência positiva. As famílias de estatuto socioeconómico médio foram descritas neste perfil recorrendo às categorias "Virtudes/Bons valores" (94,1%), "Empregados/Trabalhadores" (93,3%) e "Estabilidade/Organização/Coesão" (73,7%). Mais particularmente, neste grupo, as famílias foram descritas como sendo possuidoras de diversas virtudes e bons valores, como é o caso da honestidade, humildade, coragem e inteligência. Os participantes caracterizaram, também, estas famílias como sendo trabalhadoras e estando empregadas, assim como sendo organizadas, estruturadas, unidas, estáveis e funcionais.

Por outro lado, foi possível perceber que este perfil se destaca do segundo pela negativa, sendo que, as famílias deste perfil foram consideradas menos felizes e com menor bem-estar subjetivo, menos realizadas, harmoniosas, equilibradas, tranquilas e alegres do que as famílias do segundo perfil. Foram, ainda, descritas como menos atentas, preocupadas, responsáveis, conscientes, cuidadosas e, menos interessadas nos filhos. Foram caracterizadas como sendo famílias menos seguras e protetoras dos seus filhos, assim como menos confortáveis e aconchegantes. Por fim, foram menos vistas como famílias afetuosas, onde existe uma menor intimidade, carinho, amor, compreensão, apoio e respeito do que nas famílias do segundo perfil.

À semelhança do perfil anterior, o segundo perfil apresenta uma descrição favorável e positiva das famílias de estatuto socioeconómico médio, uma vez que também se caracteriza pela existência de categorias de valência positiva. As famílias que fazem parte deste perfil foram descritas com recurso às categorias "Afetuosa" (85,7%), "Segura/Acolhedora/Protetora" (85%), "Felicidade/Bem-estar" (67,5%) e "Atenta/Preocupada/Responsável" (65,7%). Assim, estas famílias foram vistas como famílias afetuosas, onde existe grande intimidade, carinho, amor, compreensão, apoio e respeito. Foram caracterizadas como sendo famílias seguras, que protegem os seus filhos e proporcionam conforto e aconchego, assim como felizes e com bem-estar subjetivo, realizadas, harmoniosas, equilibradas, tranquilas e alegres. Foram, também, consideradas famílias atentas, preocupadas, responsáveis, conscientes, cuidadosas e, de forma geral, interessadas nos filhos.

Este perfil destacou-se do primeiro pela negativa, pois, as famílias deste perfil foram consideradas como menos organizadas, estruturadas, unidas, estáveis e funcionais que as

famílias do primeiro perfil. Foram vistas como sendo menos trabalhadoras e estando menos empregadas, assim como possuindo menos virtudes e bons valores que as famílias do primeiro perfil.

## 12. Diferenças nos perfis tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes

Foi utilizado o Teste de Independência do Qui-Quadrado com o objetivo de perceber quais as diferenças na atribuição de perfis aos dois tipos de família em estudo. Para além disto, cada uma das variáveis analisadas anteriormente foi cruzada com cada um dos grupos identificados para cada tipologia de família a fim de identificar as frequências e percentagens das variáveis para os diferentes perfis. Estes resultados encontram-se representados, na sua totalidade, nos quadros 4 e 5 do Anexo E.

No que toca às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, foram encontradas diferenças significativas na atribuição dos dois perfis, tendo em conta o estado civil dos participantes (ver quadro 10.1). Assim, os participantes solteiros, parecem ter atribuído mais frequentemente o primeiro perfil (62,4%), enquanto que os participantes com experiência de casamento (casados, viúvos e separados) apresentaram uma tendência para atribuir mais frequentemente o segundo perfil (61,3%).

Quadro 10.1.

*Diferenças nos perfis das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes*

Variáveis sociodemográficas		Grupo				Teste do Qui-Quadrado
		1		2		
		N	%	N	%	
Estado civil	Solteiro(a)	34	<b>64,2</b>	19	35,8	5,110*
	Casado/Viúvo/Separado	12	38,7	19	<b>61,3</b>	

Os valores a negrito apresentam um valor ajustado dos resíduos igual ou superior a 2.

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

Com a exceção da variável estado civil, não foram encontradas demais diferenças na atribuição de perfis para estas famílias, tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes.

Relativamente às famílias de estatuto socioeconómico médio, existiram diferenças para a variável "Contacto com crianças ou jovens em acolhimento institucional", o que significa

que, os participantes com contacto com estas crianças e jovens tendem a atribuir significativamente mais o primeiro perfil (67,7%), enquanto que os participantes que não possuem contacto com estas crianças e jovens tendem a atribuir mais o segundo (55,6%) (ver quadro 10.2).

Quadro 10.2.

*Diferenças nos perfis das famílias de estatuto socioeconómico médio, tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes*

Variáveis sociodemográficas		Grupo				Teste do Qui-Quadrado
		1		2		
		N	%	N	%	
Contacto com crianças ou jovens em acolhimento institucional	Sim	21	<b>67,7</b>	10	32,3	4,291*
	Não	24	44,4	30	<b>55,6</b>	

Os valores a negrito apresentam um valor ajustado dos resíduos igual ou superior a 2.

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

No que toca às restantes variáveis sociodemográficas não foram encontradas diferenças significativas em função destas na atribuição dos diferentes perfis para as famílias de estatuto socioeconómico médio.

## Capítulo IV - Conclusões e Discussão dos Resultados

Tanto quanto sabemos, a literatura sobre o tema em estudo é escassa, o que significa um total desconhecimento acerca de quais são as imagens sociais associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional.

Aceder a estas imagens torna-se de extrema importância, pois, parece haver uma tendência, de acordo com a literatura, para descrever as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional em termos negativos, salientando os seus problemas e fragilidades (Casas, Cornejo, Colton e Scholte, 2000; Yunes, & Szymanski, 2003; Sousa, Ribeiro & Rodrigues, 2006). Para além desta tendência para descrever estas famílias de forma desfavorável, verifica-se, também, uma tendência para intervir utilizando como foco desta mesma intervenção as características negativas das famílias, o que leva a que esta abordagem se revele pouco eficaz e que traga algumas consequências negativas (Colapinto, 1995; Sousa, 2005).

A negatividade destas imagens pode, também, levar a fenómenos cognitivos (i.e. estereótipos), emocionais (i.e. preconceito) e comportamentais (i.e. discriminação) (Link & Phelan, 2001). Estes fenómenos, muitas vezes, causam efeitos negativos nos seus alvos como o stress psicológico, depressão, medo, restrições na participação na vida da comunidade, impacto no sentido de self, nas expectativas e ambições dos indivíduos estigmatizados, maiores níveis de desemprego, maior vulnerabilidade, problemas de saúde e, em algumas situações, maior envolvimento com a polícia e com o sistema de justiça criminal (van Brakel, 2006; Howarth, 2006).

Por outro lado, existe uma outra abordagem e forma de intervir baseada nas competências destas famílias e nas suas capacidades para encontrar as suas próprias soluções, o que acaba por levar a resultados mais positivos e satisfatórios para estas (Sousa, 2005).

Assim, é importante, tentar perceber quais são as imagens associadas a estas famílias, ou seja, quais os traços e atributos que as pessoas utilizam para as descrever e, em que medida é que estes diferem daqueles atribuídos a famílias de estatuto socioeconómico médio, assim como quais as fontes de variabilidade destas imagens, isto é, se estas imagens variam em função da idade do alvo (família de uma criança ou família de um jovem), ou em função das variáveis sociodemográficas dos participantes (sexo, escalão etário, se trabalha ou não na área de crianças e menores em risco e perigo, por exemplo).

De forma a responder aos objetivos expostos, procedeu-se, numa primeira fase, à realização de uma descrição dos atributos relativos a cada tipologia de família. Estes

primeiros dados parecem sugerir que a tendência geral destes participantes passa por associar atributos negativos às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, enquanto se associam atributos maioritariamente positivos às famílias de estatuto socioeconómico médio.

De forma a perceber realmente quais as diferenças na atribuição destes traços procedeu-se à utilização de Testes Z onde foi possível consolidar que a tendência dos participantes é, de forma significativa, associar mais atributos negativos a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional do que a famílias de estatuto socioeconómico médio e, ao mesmo tempo, associar mais atributos positivos a famílias de estatuto socioeconómico médio do que a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional.

Este resultado está em conformidade com os estudos acerca das imagens sociais de grupos minoritários, onde se encontra esta tendência para criar uma diferenciação entre grupo maioritário e minoritário, descrevendo o primeiro em função de traços positivos e o segundo em função de traços mais negativos (Butt, & Signori, 1976; García, Castillo, & Umpiérrez, 1997; Chen, Hsu, Shu, & Fetzer, 2012). Este resultado parece estar, também, de acordo com o sugerido pela literatura relativa a famílias de crianças e jovens em acolhimento familiar, uma vez que, também se observa uma tendência para descrever as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional em termos negativos (e.g., Sousa, Ribeiro & Rodrigues, 2006).

No que toca à variabilidade destas imagens, relativamente aos efeitos da idade do alvo, é de referir que as categorias "Com dificuldades/Incapacidades", "Ocupada/Ausente" e "Virtudes/Bons valores" apresentaram diferenças significativas. A categoria "Com dificuldades/Incapacidades" foi mais utilizada na descrição de famílias de crianças em acolhimento institucional, enquanto a categoria "Ocupada/Ausente" foi mais associadas a famílias de crianças de estatuto socioeconómico médio. Finalmente, a categoria "Virtudes/Bons valores", foi mais utilizada na descrição de famílias de jovens de estatuto socioeconómico médio.

No que diz respeito ao uso da categoria "Com dificuldades/Incapacidades" para descrever as famílias de crianças em acolhimento institucional, parece haver uma tendência para crer que estes pais terão mais dificuldades em cuidar e educar crianças do que jovens, possivelmente devido às suas diferentes necessidades de desenvolvimento, sendo que as crianças acabam por necessitar de um maior acompanhamento e cuidado do que os jovens.

Relativamente às famílias de estatuto socioeconómico médio, destaca-se a ocupação e ausência dos pais para as famílias de crianças, uma vez que estas necessitam de um maior acompanhamento e disponibilidade por parte destes, tendo em conta a fase de

desenvolvimento em que se encontram. Por outro lado, as famílias de jovens parecem ser mais associadas a virtudes e bons valores, uma vez que estes se encontram numa fase diferente do seu desenvolvimento, apresentando uma maior autonomia e valorizando mais este tipo de questões.

Apesar da observação destas diferenças, é importante referir que, na sua maioria, as categorias associadas a ambas as tipologias de família não apresentaram diferenças relativas à idade do alvo, o que sugere que a imagem destas famílias é independente da idade dos seus filhos.

Tendo em conta as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, os atributos mais salientes na sua descrição foram aqueles relativos à instabilidade, desorganização e não coesão destas famílias, assim como o seu estatuto socioeconómico baixo. Estes resultados estão de acordo com a literatura, uma vez que estas famílias são caracterizadas pelo facto de possuírem um padrão de interação caótico que é, frequentemente, associado às famílias pobres (Sousa & Eusébio, 2005; Sousa & Ribeiro, 2005).

Por outro lado, os atributos mais frequentes na descrição das famílias de estatuto socioeconómico médio foram relativos ao seu bem-estar e felicidade, assim como à sua estabilidade, organização e coesão. Estes resultados mostram que estas famílias são associadas a atributos contrários, i.e. antónimos daqueles associados a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, assim como a sentimentos de felicidade e bem-estar, o que mostra uma clara diferenciação entre grupo maioritário e minoritário (e.g. Butt, & Signori, 1976).

Partindo dos atributos recolhidos, foi realizada uma ACM para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional que sugeriu duas dimensões, uma relativa ao conceito de negligência, sobretudo ao nível da estrutura familiar e da exposição a diferentes problemáticas familiares e situações de risco e outra relativa ao conceito de mau trato, com fatores de risco ao nível socioeconómico e da saúde física. A partir do cruzamento destas dimensões, obtiveram-se três perfis diferentes, um primeiro relativo a famílias negligentes, um segundo constituído por famílias maltratantes e com fatores de risco ao nível da saúde física e ao nível socioeconómico e um terceiro perfil composto por famílias com problemas ao nível da estrutura familiar e da exposição a diferentes problemáticas familiares e situações de risco.

No que toca às famílias de estatuto socioeconómico médio, a ACM sugeriu duas dimensões, uma primeira que remete para as competências pessoais, profissionais e afetivas da família e uma segunda que se relaciona com o bem-estar familiar e competências parentais

de cuidado e supervisão. A partir do cruzamento destas dimensões, obtiveram-se três perfis, um primeiro caracterizado por famílias que apresentam competências pessoais e profissionais, um segundo caracterizado principalmente pelo bem-estar familiar, que se encontra mais associado a famílias de jovens, e um terceiro que remete para as competências parentais de cuidado, supervisão e afetividade, que se encontra mais associado a famílias de crianças.

Para melhor explorar os perfis de ambas as tipologias de família, a ACM foi articulada com uma Análise de Clusters. Esta nova análise tornou-se importante pelo facto de a ACM ter apresentado dimensões estatisticamente pouco consistentes.

Para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional foram sugeridos dois perfis, um primeiro que diz respeito a famílias que apresentam fatores de risco ao nível socioeconómico, assim como problemas ao nível da estrutura familiar e da exposição a problemáticas familiares e situações de risco, este perfil foi atribuído maioritariamente pelos participantes solteiros. O segundo perfil foi caracterizado por mal-estar familiar, negligência e ausência de competências parentais ao nível do cuidado e supervisão, sendo que foi atribuído mais frequentemente por participantes casados, divorciados e viúvos.

Para as famílias de estatuto socioeconómico médio foram, também, sugeridos dois perfis, um primeiro relativo a famílias que apresentam competências pessoais, profissionais e com uma boa estrutura familiar, sendo que foi atribuído mais frequentemente por participantes que tinham contacto com crianças ou jovens em acolhimento institucional. O segundo perfil era relativo a famílias com competências afetivas, competências parentais de cuidado, supervisão e segurança e, de forma geral, famílias que manifestam um elevado bem-estar, tendo sido atribuído mais frequentemente por participantes que nunca tiveram contacto com crianças ou jovens em acolhimento institucional.

Tendo em conta estes perfis, é possível perceber que aqueles relacionados com as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional apontam para famílias negligentes, maltratantes e com diversos problemas, fatores de risco e mal-estar, o que é congruente com o que é sugerido na literatura acerca destas famílias (e.g. Yunes, & Szymanski, 2003). Enquanto os perfis associados a famílias de estatuto socioeconómico médio se referem a famílias que, de forma geral manifestam bem-estar e diversas competências e capacidades, o que, também era esperado, uma vez que se trata da descrição do grupo maioritário que, tal como no estudo de Butt e Signori (1976), é descrito em termos mais positivos do que os restantes grupos minoritários.

Quanto à variabilidade na atribuição destes perfis, apenas duas variáveis sociodemográficas apresentaram diferenças significativas (estado civil e contacto com crianças ou jovens em acolhimento institucional), o que parece sugerir que estas imagens acerca das duas tipologias de famílias são generalizadas à amostra, ou seja, são atribuídas independentemente do sexo, escalão etário, de trabalharem ou não na área de crianças em risco e perigo, habilitações literárias, rendimento e de terem filhos ou não. Este resultado é congruente com o conceito de imagem social, uma vez que se trata de um conhecimento que permite convencionar os elementos com que nos deparamos diariamente, tornando-os parte de um modelo específico partilhado socialmente (Moscovici, 2000).

De forma geral, estes resultados sugerem a possibilidade da existência de alguns estereótipos, preconceitos e discriminação (Link & Phelan, 2001), uma vez que se encontra uma clara distinção entre os atributos relativos a famílias de estatuto socioeconómico médio (grupo maioritário) e os atributos relativos a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional (grupo minoritário).

Apesar da relevância do presente estudo, não podemos deixar de referir algumas das suas limitações e implicações para investigação futura.

Este estudo apresenta como principal limitação o facto de ser baseado numa amostra de conveniência de 85 participantes. Posto isto, as tendências observadas nestes resultados não podem ser generalizadas à população portuguesa.

Considero que seria importante, num momento futuro explorar as imagens destas famílias utilizando uma amostra representativa da população em geral, o que poderia ser de grande importância, tendo em conta a tendência que se observa para descrever estas famílias em termos negativos.

Parece-me que seria, também, de extrema importância tentar perceber quais as imagens associadas a estas famílias pelos técnicos que com elas intervêm regularmente, uma vez que a tendência parece ser a generalização destas imagens, independentemente das características pessoais de cada um. Assim, seria interessante perceber se estas imagens também estão presentes entre o pessoal técnico e, posteriormente estabelecer formas de os alertar para os seus próprios enviesamentos e para a forma como estes podem interferir no seu trabalho e, em última análise, nas próprias famílias que se dirigem a estes serviços.

## Referências

- Abaid, J. L. W., Dell'Aglio, D. D., Koller, S. H. (2010). Preditores de sintomas depressivos em crianças e adolescentes institucionalizados. *Universitas Psychologica*, 9 (1), 199-212.
- Ausloos, G. (1996). *As competências das famílias: Tempo, caos, processo*. Coimbra: Climepsi Editores.
- Benelli, S. J. (2004). A instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar. *Estudos de Psicologia*, 21 (3), 237-252.
- Evans, W. D., Powers A., Hersey, J., & Renaud, J. (2006). The influence of social environment and social image on adolescent smoking. *Health Psychology*, 25 (1), 26-33.
- Brown, J., Cohen, P., Johnson, J. G., & Salzinger, S. (1998). A longitudinal analysis of risk factors for child maltreatment: findings of a 17-year prospective study of officially recorded and self-reported child abuse and neglect. *Child Abuse & Neglect*, 22 (11), 1065-1078.
- Butt, D. S., & Signori, E. I. (1976). Social images of disadvantaged groups. *Social Behavior and Personality*, 4 (2), 145-151.
- Calheiros, M.M., Lopes, D. & Patrício, J.N. (2011). Assessment of the needs of youth in residential care: Development and validation of an instrument. *Children and Youth Services Review*, 33, 1930-1938. doi:10.1016/j.chilyouth.2011.05.020
- Cancrini, L., Gregorio, F., & Nocerino, S. (1997). Las familias multiproblemáticas. In M. Coletti & J. L. Linares (Eds.), *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática: La experiencia de Ciutat Vella* (pp.45-82). Barcelona: Paidós.
- Casas, F., Cornejo, J. M., Colton, M., & Scholte, E. (2000). Perceptions of stigmatization and satisfaction with services received, among users of social welfare services for the child and the family in 3 european regions. *Social Indicators Research*, 51, 287-308.
- Chen, C., Hsu, K., Shu, B., & Fetzer, S. (2012). The image of people with intellectual disability in Taiwan newspapers. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 37 (1), 35-41.
- Colapinto, J. A. (1995). Dilution of family process in social services: implications for treatment of neglectful families. *Family Process*, 34, 59-74.
- Costa, N. R. A., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2009). Acolhimento familiar: uma alternativa de proteção para crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22 (1), 111-118.
- Cunningham, P. B., & Henggeler, S. W. (1999). Engaging multiproblem families in treatment: Lessons learned throughout the development of multisystemic therapy. *Family Process*, 38, 265-281.
- Dell'Aglio, D. D., & Hutz, C. S. (2004). Depressão e desempenho escolar em crianças e adolescentes institucionalizados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 341-350.
- Dell'Aglio, D. D. & Siqueira, A. C. (2010). Preditores de satisfação de vida de jovens em situação de vulnerabilidade no sul do Brasil. *Psicodebate (Buenos Aires)*, 10, 213-230.
- Fluke, J. D., Goldman, P. S., Shriberg, J., Hillis, S. D., Yun, K., Allison, S., & Light, E. (2012). Systems, strategies, and interventions for sustainable long-term care and protection of children with a history of living outside of family care. *Child Abuse & Neglect*, 36(10), 722-731. doi: 10.1016/j.chiabu.2012.09.005.

- Freundlich, M., Avery, R. J., & Padgett, D. (2007). Care or scare: The safety of youth in congregate care in New York City. *Child Abuse & Neglect*, 31, 173–186. doi:10.1016/j.chiabu.2006.09.002
- Garnezy, N. (1991). Resiliency and vulnerability to adverse developmental outcomes associated with poverty. *American Behavioral Scientist*, 34 (4), 416-430.
- Griffith, A. K., Ingram, S. D., Barth, R. P., Trout, A. L., Hurley, K. D., Thompson, R. W., & Epstein, M. H. (2009) The family characteristics of youth entering a residential care program. *Residential Treatment For Children & Youth*, 26 (2), 135-150. doi: 10.1080/08865710902914283
- Hill, C. E., Knox, S., Thompson, B. J., Williams, E. N., Hess, E. N. & Ladany, N. (2005). Consensual qualitative research: an update. *Journal of Counseling Psychology*, 52 (2), 196-205. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0167.52.2.196>
- Hinshaw, S. P. (2005). The stigmatization of mental illness in children and parents: developmental issues, family concerns, and research needs. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46 (7), 714-734. doi:10.1111/j.1469-7610.2005.01456.x
- Howarth, C. (2006). Race as stigma: positioning the stigmatized as agents, not objects. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 16, 442–451.
- Instituto de Segurança Social. (2011). *Manual de processos-chave lar de infância e juventude*. Lisboa
- Jodelet, D. (1985). La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In S. Moscovici (Ed.). *Pensamiento y vida social* (pp. 469-494). Barcelona: Paídos.
- Lahlou, S. (2001). Functional aspects of social representation. In K. Deaux & G. Philogène (Eds.). *Representations of the Social: Bridging theoretical tradition* (pp. 131-146). Oxford: Blackwell Publishers.
- Link, B. G., & Phelan, J. C. (2001). Conceptualizing stigma. *Annual Review of Sociology*, 27, 363-385.
- Maroco, J. (2010). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Martins, P.C.M. (2005, Maio). A qualidade dos serviços de protecção de crianças e jovens – as respostas institucionais. Intervenção realizada no VI Encontro Cidade Solidária, Lisboa, Portugal.
- Matos, A. R., & Sousa, L. M. (2004): How multiproblem families try to find support in social services. *Journal of Social Work Practice: Psychotherapeutic Approaches in Health, Welfare and the Community*, 18 (1), 65-80
- Modlin, H. (2004). The development of a parent support group as a means of initiating family involvement in a residential program. *Child & Youth Services*, 25, 169-189. doi: 10.1300/J024v25n01\_11
- Molinari, L. & Emiliani, F. (1993). Structure and functions of social representations: theories of development, images of child and pupil. *Papers on Social Representations*, 2 (2), 95-106.
- Moscovici, S. (2000). *Social Representations: Explorations in Social Psychology*. Cambridge: Polity Press.
- Moscovici, S. (2001). Why a theory of social representations?. In K. Deaux & G. Philogène (Eds.). *Representations of the Social: Bridging theoretical tradition* (pp. 8-35). Oxford: Blackwell Publishers.

- Siqueira, A. C., Betts, M. K., & Dell'Aglio, D. D. (2006). A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicologia*, 40 (2), 149-158.
- Siqueira, A. C., Massignan, L. T., & Dell'Aglio, D. D. (2011). Reinserção familiar de adolescentes institucionalizadas: processos malsucedidos. *Paidéia (USP. Ribeirao Preto. Impresso)*, 21 (50), 383-391.
- Siqueira, A. C., Tubino, C. L., Schwarz, C., & Dell'Aglio, D. D. (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61 (1), 176-190.
- Siqueira, A. C., Zoltowski, A. P., Giordani, J. P., Otero, T. M., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Processo de reinserção familiar: estudo de casos de adolescentes que viveram em instituição de abrigo. *Estudos de Psicologia (UFRN)*, 15, 7-15.
- Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L., & Eusébio, C. (2005). When multi-problem poor individuals' values meet practitioners' values!. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 15, 353-367.
- Sousa, L. & Ribeiro, C. (2005). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *Psicologia*, 19 (1-2), 169-191.
- Sousa, L., Ribeiro, C., & Rodrigues, S. (2006): Intervention with multi-problem poor clients: towards a strengths-focused perspective. *Journal of Social Work Practice: Psychotherapeutic Approaches in Health, Welfare and the Community*, 20 (2), 189-204.
- Sousa, L., Ribeiro, C., & Rodrigues, S. (2007). Are practitioners incorporating a strengths-focused approach when working with multi-problem poor families?. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 17, 53-66. DOI: 10.1002/casp.875
- Spink, M. J. P. (1993). The concept of social representations in social psychology. *Cadernos de Saúde Pública*, 9 (3), 300-308.
- Van Brakel, W. H. (2006). Measuring health-related stigma - A literature review. *Psychology, Health & Medicine*, 11 (3), 307 – 334.
- Ward, A. (2006). Models of "ordinary" and "special" daily living: matching residential care to the mental health needs of looked after children. *Child and family social work*, 11, 336-346.
- Yunes, M., A., & Szymanski, H. (2003). Crenças, sentimentos e percepções acerca da noção de resiliência em profissionais da Saúde e Educação que atuam com famílias pobres. *Psicologia da Educação*, 17, 119-137.

**ANEXOS**

**ANEXO A - Instrumentos utilizados**

Questionário 1a

Este questionário tem como objetivo conhecer a sua opinião acerca de características/atributos de crianças/jovens hipotéticos e os seus respetivos contextos de vida. Por esse motivo não existem respostas certas ou erradas. Estamos apenas interessados na sua opinião. As suas respostas são confidenciais e serão analisadas em conjunto com as respostas dos restantes inquiridos.

Por favor, leia os textos com atenção antes de responder às questões.

Imagine uma família de três elementos, em que os dois pais têm emprego e transporte próprio. Em termos de formação académica, estes pais têm, no mínimo, o 12º ano de escolaridade completo. Esta família tem uma habitação confortável e com boas condições.

Pense em uma criança (entre 0 e 12 anos) que seja filha destes pais. Como descreveria a família desta criança? Escreva 5 características/atributos que descrevam esta família.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

O acolhimento em Lar de Infância e Juventude constitui uma das medidas de proteção e de salvaguarda dos direitos fundamentais das crianças e dos jovens que, no seu meio natural de vida, estão expostos a condições adversas para o seu desenvolvimento. Esta medida de acolhimento em instituição consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral.

Imagens das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional

Pense em uma criança (entre 0 e 12 anos) a viver numa instituição. Como descreveria a família desta criança? Escreva 5 características/atributos que descrevam a família de uma criança neste contexto.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

Conhece alguma criança ou jovem que se encontre em acolhimento institucional? Sim  / Não

Se sim, em que circunstâncias a conheceu (na sua vida privada, profissional...)?

---

---

---

**Dados sociodemográficos:**

Sexo: F  / M ; Data de Nascimento: □□-□□-□□□□; Estado Civil:

\_\_\_\_\_

Habilitações Literárias: \_\_\_\_\_; Profissão:

\_\_\_\_\_

Trabalha na área de crianças em risco e perigo? Sim  Não

Se sim, descreva a resposta social onde trabalha. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Rendimento médio mensal:

Individual: <1000€ ; 1000€-2000€ ; 2000€-3000€ ; 3000€-4000€ ; >4000€

Agregado: <1000€ ; 1000€-2000€ ; 2000€-3000€ ; 3000€-4000€ ; >4000€

Tem filhos? Sim  / Não

Se sim quantos e com que idades? 1 ; 2 ; 3 ; 4 ; 5 ; +5

Questionário 1b

Este questionário tem como objetivo conhecer a sua opinião acerca de características/atributos de crianças/jovens hipotéticos e os seus respetivos contextos de vida. Por esse motivo não existem respostas certas ou erradas. Estamos apenas interessados na sua opinião. As suas respostas são confidenciais e serão analisadas em conjunto com as respostas dos restantes inquiridos.

Por favor, leia os textos com atenção antes de responder às questões.

O acolhimento em Lar de Infância e Juventude constitui uma das medidas de proteção e de salvaguarda dos direitos fundamentais das crianças e dos jovens que, no seu meio natural de vida, estão expostos a condições adversas para o seu desenvolvimento. Esta medida de acolhimento em instituição consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral.

Pense em uma criança (entre 0 e 12 anos) a viver numa instituição. Como descreveria a família desta criança? Escreva 5 características/atributos que descrevam a família de uma criança neste contexto.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

Imagine uma família de três elementos, em que os dois pais têm emprego e transporte próprio. Em termos de formação académica, estes pais têm, no mínimo, o 12º ano de escolaridade completo. Esta família tem uma habitação confortável e com boas condições.

Pense em uma criança (entre 0 e 12 anos) que seja filha destes pais. Como descreveria a família desta criança? Escreva 5 características/atributos que descrevam esta família.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

Conhece alguma criança ou jovem que se encontre em acolhimento institucional? Sim  / Não

Se sim, em que circunstâncias a conheceu (na sua vida privada, profissional...)?

---

---

---

**Dados sociodemográficos:**

Sexo: F  / M ; Data de Nascimento: □□-□□-□□□□; Estado Civil:

---

Habilitações Literárias: \_\_\_\_\_; Profissão:

---

Trabalha na área de crianças em risco e perigo? Sim  Não

Se sim, descreva a resposta social onde trabalha. \_\_\_\_\_

---

Rendimento médio mensal:

Individual: <1000€ ; 1000€-2000€ ; 2000€-3000€ ; 3000€-4000€ ; >4000€

Agregado: <1000€ ; 1000€-2000€ ; 2000€-3000€ ; 3000€-4000€ ; >4000€

Tem filhos? Sim  / Não

Se sim quantos e idades? 1 ; 2 ; 3 ; 4 ; 5 ; +5

Questionário 2a

Este questionário tem como objetivo conhecer a sua opinião acerca de características/atributos de crianças/jovens hipotéticos e os seus respetivos contextos de vida. Por esse motivo não existem respostas certas ou erradas. Estamos apenas interessados na sua opinião. As suas respostas são confidenciais e serão analisadas em conjunto com as respostas dos restantes inquiridos.

Por favor, leia os textos com atenção antes de responder às questões.

Imagine uma família de três elementos, em que os dois pais têm emprego e transporte próprio. Em termos de formação académica, estes pais têm no mínimo, o 12º ano de escolaridade completo. Esta família tem uma habitação confortável e com boas condições.

Pense em um jovem (entre 12 e 18 anos) que seja filho destes pais. Como descreveria a família deste jovem? Escreva 5 características/atributos que descrevam esta família.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

O acolhimento em Lar de Infância e Juventude constitui uma das medidas de proteção e de salvaguarda dos direitos fundamentais das crianças e dos jovens que, no seu meio natural de vida, estão expostos a condições adversas para o seu desenvolvimento. Esta medida de acolhimento em instituição consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral.

Imagens das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional

Pense em um jovem (entre 12 e 18 anos) a viver numa instituição. Como descreveria a família deste jovem? Escreva 5 características/atributos que descrevam a família de um jovem neste contexto.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

Conhece alguma criança ou jovem que se encontre em acolhimento institucional? Sim  / Não

Se sim, em que circunstâncias a conheceu (na sua vida privada, profissional...)?

---

---

---

**Dados sociodemográficos:**

Sexo: F  / M ; Data de Nascimento: □□-□□-□□□□; Estado Civil:

\_\_\_\_\_

Habilitações Literárias: \_\_\_\_\_; Profissão:

\_\_\_\_\_ Trabalha na área de crianças em risco e perigo? Sim  Não

Se sim, descreva a resposta social onde trabalha. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Rendimento médio mensal:

Individual: <1000€ ; 1000€-2000€ ; 2000€-3000€ ; 3000€-4000€ ; >4000€

Agregado: <1000€ ; 1000€-2000€ ; 2000€-3000€ ; 3000€-4000€ ; >4000€

Tem filhos? Sim  / Não

Se sim quantos e idades? 1 ; 2 ; 3 ; 4 ; 5 ; +5

Questionário 2b

Este questionário tem como objetivo conhecer a sua opinião acerca de características/atributos de crianças/jovens hipotéticos e os seus respetivos contextos de vida. Por esse motivo não existem respostas certas ou erradas. Estamos apenas interessados na sua opinião. As suas respostas são confidenciais e serão analisadas em conjunto com as respostas dos restantes inquiridos.

Por favor, leia os textos com atenção antes de responder às questões.

O acolhimento em Lar de Infância e Juventude constitui uma das medidas de proteção e de salvaguarda dos direitos fundamentais das crianças e dos jovens que, no seu meio natural de vida, estão expostos a condições adversas para o seu desenvolvimento. Esta medida de acolhimento em instituição consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral.

Pense em um jovem (entre 12 e 18 anos) a viver numa instituição. Como descreveria a família deste jovem? Escreva 5 características/atributos que descrevam a família de um jovem neste contexto.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

Imagine uma família de três elementos, em que os dois pais têm emprego e transporte próprio. Em termos de formação académica, estes pais têm no mínimo, o 12º ano de escolaridade completo. Esta família tem uma habitação confortável e com boas condições.

Pense em um jovem (entre 12 e 18 anos) que seja filho destes pais. Como descreveria a família deste jovem? Escreva 5 características/atributos que descrevam esta família.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

Conhece alguma criança ou jovem que se encontre em acolhimento institucional? Sim  / Não

Se sim, em que circunstâncias a conheceu (na sua vida privada, profissional...)?

---

---

---

**Dados sociodemográficos:**

Sexo: F  / M ; Data de Nascimento: □□-□□-□□□□; Estado Civil:

---

Habilitações Literárias: \_\_\_\_\_; Profissão:

---

Trabalha na área de crianças em risco e perigo? Sim  Não

Se sim, descreva a resposta social onde trabalha. \_\_\_\_\_

---

Rendimento médio mensal:

Individual: <1000€ ; 1000€-2000€ ; 2000€-3000€ ; 3000€-4000€ ; >4000€

Agregado: <1000€ ; 1000€-2000€ ; 2000€-3000€ ; 3000€-4000€ ; >4000€

Tem filhos? Sim  / Não

Se sim quantos e idades? 1 □□; 2 □□; 3 □□; 4 □□; 5 □□; +5□

**ANEXO B - Dicionário de Categorias**

Quadro 1.

*Dicionário de categorias*

Estável/Organizada/Coesa	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias organizadas, estruturadas, regradas, funcionais, coesas, unidas, estáveis.
Instável/Desorganizada/Não coesa	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias desorganizadas, desestruturadas, sem regras, disfuncionais, não coesas, separadas/desunidas, instáveis.
Saudável	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias saudáveis e com acesso à saúde.
Doente	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias doentes física e psicologicamente e com problemas aditivos.
Feliz/Bem-estar	Inclui atributos/palavras/sentimentos que remetem para famílias felizes e com bem-estar subjetivo como realizadas, bem-sucedidas, tranquilas, harmoniosas, equilibradas.
Infeliz/Mal-estar	Inclui atributos/palavras/sentimentos que remetem para famílias infelizes e com mal-estar subjetivo como revoltadas, angustiadas, não realizadas, frustradas, com sentimentos de culpa, desequilibradas.
Afetuosa	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias afetuosas, com amor, intimidade, compreensivas, que se apoiam e respeitam.
Sem afeto	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias não afetuosas, sem amor, insensíveis, rejeitantes.
Atenta/Preocupada/Responsável	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias atentas, preocupadas, cuidadosas, interessadas com os seus filhos e no geral, que são responsáveis, conscientes, maduras.
Desatenta/Despreocupada/Irresponsável	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias desatentas, despreocupadas, sem cuidados e sem interesse nos seus filhos e no geral, que são irresponsáveis, inconscientes, imaturas.
Ocupada/ausente	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias ocupadas e ausentes.
Disponível/Presente	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias disponíveis e presentes.
Segura/Acolhedora/Protetora	Inclui atributos/palavras que remetem para a segurança e para a proteção, mas também para o conforto e o aconchego.
Insegura/Não acolhedora/Não protetora	Inclui atributos/palavras que remetem para a insegurança, para a desproteção, e para o desconforto.

Sociável/ Com suporte social	Inclui atributos/palavras que remetem para a amizade, a sociabilidade, as capacidades de comunicação, a agradabilidade e o suporte social.
Não sociável/ Sem suporte social	Inclui atributos/palavras que remetem para a falta de amizade e de sociabilidade, para as dificuldades de comunicação, e a falta de suporte social que leva a um isolamento, exclusão, desamparo.
SES Médio/alto	Inclui atributos/palavras que remetem para classes sociais médias/altas, para condições económicas e habitacionais favoráveis, para a disponibilidade de recursos, para uma escolaridade elevada, para a educação no geral e para a cultura.
SES baixo	Inclui atributos/palavras que remetem para classes sociais baixas, para condições económicas e habitacionais desfavoráveis, para a falta de recursos, para uma escolaridade baixa, para a falta de educação no geral e para a falta de cultura.
Virtudes/bons valores	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias virtuosas, com qualidades como a honestidade, a humildade, a coragem, a inteligência, entre outros.
Defeitos	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias não virtuosas, conflituosas, com defeitos como o egoísmo, a arrogância, a falta de respeito pelos outros, entre outros.
Normal	Inclui atributos/palavras que definem as famílias como normais, típicas.
Problemática/De risco	Inclui atributos/palavras que definem as famílias como problemáticas/ de risco.
Ideal	Inclui atributos/palavras que definem as famílias como ideais.
Exigente	Inclui atributos que definem as famílias como rigorosas e exigentes.
Tolerante	Inclui atributos/palavras que definem as famílias como tolerantes e flexíveis.
Autoritária	Inclui atributos/palavras que definem as famílias como autoritárias.
Permissiva	Inclui atributos/palavras que definem as famílias como permissivas.
Ativa/dinâmica/independente	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias ativas, dinâmicas, participativas, que não se conformam e que são independentes.
Passiva/comodista/dependente	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias passivas, pouco dinâmicas, pouco participativas, que se conformam e acomodam e que são dependentes.
Ambiciosa	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias ambiciosas, motivadas, com objetivos.

Imagens das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional

Sem ambição	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias sem ambição, desmotivadas, sem objetivos.
Negligente	Inclui atributos/palavras que definem as famílias como negligentes.
Agressiva	Inclui atributos que definem as famílias como agressivas, violentas, mal tratantes.
Cooperante	Inclui atributos/palavras que definem as famílias como colaboradoras e cooperantes.
Adaptada	Inclui atributos/palavras que definem as famílias como adaptadas, integradas.
Desadaptada	Inclui atributos/palavras que definem as famílias como desadaptadas, desintegradas, desajustadas.
Desempregados/Não trabalhadores	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias sem emprego, não trabalhadoras.
Empregados/Trabalhadores	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias com emprego, trabalhadoras.
Com dificuldades/incapacidades	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias com dificuldades e incapacidades parentais e no geral.
Numerosa	Inclui atributos/palavras que remetem para famílias numerosas.

**ANEXO C - Efeitos de ordem e da idade do alvo**

Quadro 2.1.

*Diferenças na atribuição das categorias, para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, tendo em conta a ordem das duas primeiras partes do instrumento*

Categorias	Famílias Instituição				Teste Z
	Ordem 1		Ordem 2		
	N=45		N=40		
	F	%	F	%	
Estabilidade/Organização/Coesão	1	2,22	0	0,00	0,94840
Instável/Desorganizada/Não coesa	24	53,33	23	57,50	-0,38565
Doente	7	15,56	5	12,50	0,40382
Infeliz/Mal-estar	16	35,56	14	35,00	0,05350
Afetuosa	1	2,22	0	0,00	0,94840
Sem afeto	3	6,67	4	10,00	-0,55799
Atenta/Preocupada/Responsável	2	4,44	1	2,50	0,48492
Desatenta/Despreocupada/Irresponsável	16	35,56	20	50,00	-1,34523
Ocupada/Ausente	1	2,22	3	7,50	-1,14690
Insegura	3	6,67	4	10,00	-0,55799
Não sociável/Sem suporte social	3	6,67	3	7,50	-0,14972
SES baixo	25	55,56	19	47,50	0,74186
Virtudes/Bons valores	4	8,89	0	0,00	1,93162
Defeitos	8	17,78	11	27,50	-1,07390
Problemática/De risco	9	20,00	11	27,50	-0,81365
Exigente	1	2,22	0	0,00	0,94840
Tolerante	1	2,22	0	0,00	0,94840
Autoritária	1	2,22	0	0,00	0,94840
Permissiva	2	4,44	0	0,00	1,34930
Ativa/Dinâmica/Independente	1	2,22	0	0,00	0,94840
Passiva/Comodista	1	2,22	4	10,00	-1,52115
Sem ambição	2	4,44	1	2,50	0,48492
Negligente	10	22,22	5	12,50	1,17359
Agressiva	8	17,78	5	12,50	0,67477
Desadaptada	5	11,11	2	5,00	1,02299
Desempregados/Pouco trabalhadores	4	8,89	3	7,50	0,23250
Com dificuldades/Incapacidades	5	11,11	4	10,00	0,16618
Numerosa	1	2,22	2	5,00	-0,69275

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

*Nota.* Ordem 1 - Família de estatuto socioeconómico médio e Família de criança ou jovem em acolhimento institucional; Ordem 2 - Família de criança ou jovem em acolhimento institucional e Família de estatuto socioeconómico médio

Quadro 2.2.

*Diferenças na atribuição das categorias, para as famílias de estatuto socioeconómico médio, tendo em conta a ordem das duas primeiras partes do instrumento*

Categorias	Famílias Instituição				Teste Z
	Ordem 1		Ordem 2		
	N=45		N=40		
	F	%	F	%	
Estabilidade/Organização/Coesão	21	46,67	17	42,50	0,38565
Instável/Desorganizada/Não coesa	1	2,22	1	2,50	-0,08433
Saudável	2	4,44	1	2,50	0,48492
Doente	1	2,22	0	0,00	0,94840
Felicidade/Bem-estar	22	48,89	18	45,00	0,35854
Infeliz/Mal-estar	1	2,22	2	5,00	-0,69275
Afetuosa	10	22,22	11	27,50	-0,56312
Sem afeto	0	0,00	2	5,00	-1,51796
Atenta/Preocupada/Responsável	13	28,89	22	55,00	-2,44147*
Desatenta/Despreocupada/Irresponsável	3	6,67	0	0,00	1,66260
Ocupada/Ausente	4	8,89	2	5,00	0,69869
Disponível/Presente	1	2,22	3	7,50	-1,14690
Segura/Acolhedora/Protetora	10	22,22	10	25,00	-0,30135
Sociável/Com suporte social	9	20,00	4	10,00	1,27852
Não sociável/Sem suporte social	0	0,00	2	5,00	-1,51796
SES médio/alto	19	42,22	8	20,00	2,19653*
SES baixo	2	4,44	0	0,00	1,34930
Virtudes/Bons valores	10	22,22	7	17,50	0,54327
Defeitos	2	4,44	4	10,00	-0,99812
Normal	4	8,89	2	5,00	0,69869
Ideal	2	4,44	1	2,50	0,48492
Exigente	4	8,89	4	10,00	-0,17511
Tolerante	1	2,22	1	2,50	-0,08433
Autoritária	3	6,67	1	2,50	0,90544
Permissiva	0	0,00	3	7,50	-1,87042
Ativa/Dinâmica/Independente	3	6,67	2	5,00	0,32596
Passiva/Comodista	0	0,00	1	2,50	-1,06695
Ambiciosa	1	2,22	2	5,00	-0,69275
Sem ambição	1	2,22	2	5,00	-0,69275
Cooperante	1	2,22	1	2,50	-0,08433
Adaptada	1	2,22	1	2,50	-0,08433
Empregados/Trabalhadores	8	17,78	7	17,50	0,03353
Com dificuldades/Incapacidades	0	0,00	1	2,50	-1,06695

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

*Nota.* Ordem 1 - Família de estatuto socioeconómico médio e Família de criança ou jovem em acolhimento institucional; Ordem 2 - Família de criança ou jovem em acolhimento institucional e Família de estatuto socioeconómico médio

Quadro 3.1.

*Diferenças na atribuição das categorias, para as famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, tendo em conta a idade do alvo apresentado*

Categorias	Famílias Instituição				Teste Z
	Jovem		Criança		
	N=38		N=47		
	F	%	F	%	
Estabilidade/Organização/Coesão	1	2,63	0	0,00	1,11873
Instável/Desorganizada/Não coesa	20	52,63	27	57,45	-0,44394
Doente	7	18,42	5	10,64	1,02455
Infeliz/Mal-estar	12	31,58	18	38,30	-0,64448
Afetuosas	1	2,63	0	0,00	1,11873
Sem afeto	3	7,89	4	8,51	-0,10270
Atenta/Preocupada/Responsável	2	5,26	1	2,13	0,77891
Desatenta/Despreocupada/Irresponsável	15	39,47	21	44,68	-0,48306
Ocupada/Ausente	1	2,63	3	6,38	-0,81203
Insegura	4	10,53	3	6,38	0,69088
Não sociável/Sem suporte social	2	5,26	4	8,51	-0,58118
SES baixo	16	42,11	28	59,57	-1,60253
Virtudes/Bons valores	1	2,63	3	6,38	-0,81203
Defeitos	11	28,95	8	17,02	1,31220
Problemática/De risco	8	21,05	12	25,53	-0,48405
Exigente	1	2,63	0	0,00	1,11873
Tolerante	0	0,00	1	2,13	-0,90451
Autoritária	1	2,63	0	0,00	1,11873
Permissiva	2	5,26	0	0,00	1,59163
Ativa/Dinâmica/Independente	0	0,00	1	2,13	-0,90451
Passiva/Comodista	2	5,26	3	6,38	-0,21816
Sem ambição	1	2,63	2	4,26	-0,40337
Negligente	6	15,79	9	19,15	-0,40395
Agressiva	5	13,16	8	17,02	-0,49202
Desadaptada	5	13,16	2	4,26	1,48446
Desempregados/Pouco trabalhadores	3	7,89	4	8,51	-0,10270
Com dificuldades/Incapacidades	1	2,63	8	17,02	-2,14375*
Numerosa	2	5,26	1	2,13	0,77891

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

Quadro 3.2.

*Diferenças na atribuição das categorias, para as famílias de estatuto socioeconómico médio, tendo em conta a idade do alvo apresentado*

Categorias	Famílias Instituição				Teste Z
	Jovem		Criança		
	N=38		N=47		
	F	%	F	%	
Estabilidade/Organização/Coesão	20	52,63	18	38,30	1,32150
Instável/Desorganizada/Não coesa	0	0,00	2	4,26	-1,28685
Saudável	1	2,63	2	4,26	-0,40337
Doente	0	0,00	1	2,13	-0,90451
Felicidade/Bem-estar	17	44,74	23	48,94	-0,38565
Infeliz/Mal-estar	1	2,63	2	4,26	-0,40337
Afetuosa	8	21,05	13	27,66	-0,70218
Sem afeto	0	0,00	2	4,26	-1,28685
Atenta/Preocupada/Responsável	13	34,21	22	46,81	-1,17336
Desatenta/Despreocupada/Irresponsável	0	0,00	3	6,38	-1,58565
Ocupada/Ausente	0	0,00	6	12,77	-2,28462*
Disponível/Presente	3	7,89	1	2,13	1,24834
Segura/Acolhedora/Protetora	10	26,32	10	21,28	0,54455
Sociável/Com suporte social	8	21,05	5	10,64	1,32631
Não sociável/Sem suporte social	0	0,00	2	4,26	-1,28685
SES médio/alto	10	26,32	17	36,17	-0,97025
SES baixo	1	2,63	1	2,13	0,15239
Virtudes/Bons valores	12	31,58	5	10,64	2,39972*
Defeitos	3	7,89	3	6,38	0,27055
Normal	3	7,89	3	6,38	0,27055
Ideal	2	5,26	1	2,13	0,77891
Exigente	3	7,89	5	10,64	-0,43070
Tolerante	1	2,63	1	2,13	0,15239
Autoritária	1	2,63	3	6,38	-0,81203
Permissiva	1	2,63	2	4,26	-0,40337
Ativa/Dinâmica/Independente	3	7,89	2	4,26	0,70901
Passiva/Comodista	0	0,00	1	2,13	-0,90451
Ambiciosa	2	5,26	1	2,13	0,77891
Sem ambição	1	2,63	2	4,26	-0,40337
Cooperante	2	5,26	0	0,00	1,59163
Adaptada	2	5,26	0	0,00	1,59163
Empregados/Trabalhadores	9	23,68	6	12,77	1,31283
Com dificuldades/Incapacidades	0	0,00	1	2,13	-0,90451

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

**ANEXO D - Representação das variáveis relativas a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional no plano bidimensional, utilizando como variável passiva a "idade do alvo"**

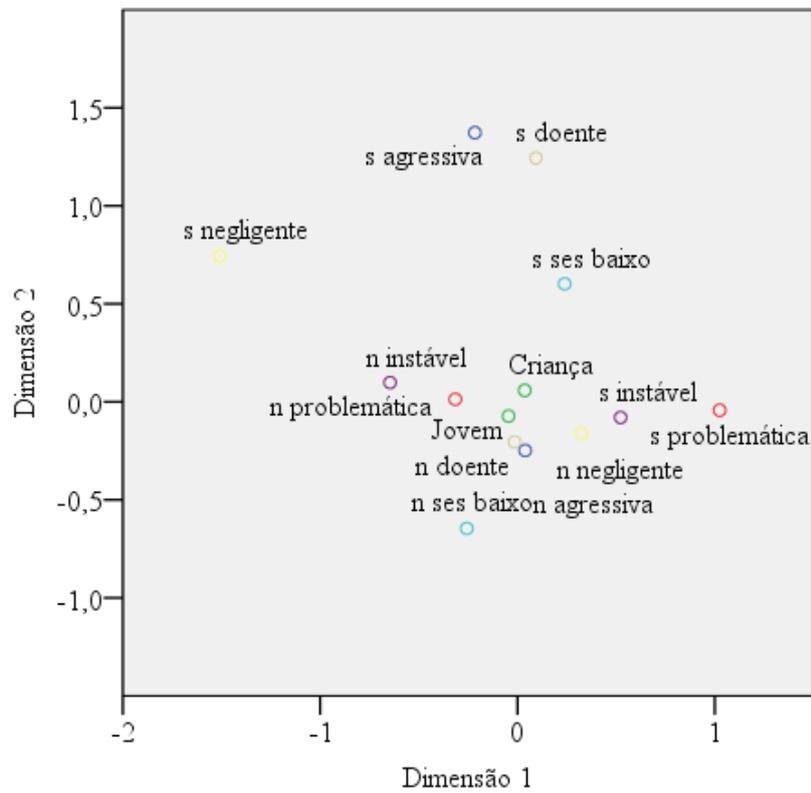


Figura 1. Representação das variáveis relativas a famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional no plano bidimensional, utilizando como variável passiva a "idade do alvo"

**ANEXO E - Diferenças nos perfis tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes**

Quadro 4.

*Diferenças nos perfis das famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional, tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes*

Variáveis sociodemográficas		Grupo				Teste do Qui-Quadrado
		1		2		
		N	%	N	%	
Sexo	Feminino	39	56,5	30	43,5	0,853
	Masculino	7	43,8	9	56,2	
Escala etária	18 a 20 anos	8	53,3	7	46,7	4,395
	20 a 30 anos	17	56,7	13	43,3	
	30 a 40 anos	11	73,3	4	26,7	
	Mais de 40 anos	9	39,1	14	60,9	
Contacto com crianças ou jovens em acolhimento institucional	Sim	16	51,6	15	48,4	0,123
	Não	30	55,6	24	44,4	
Circunstâncias do contacto	Vida privada	5	62,5	3	37,5	0,516
	Vida profissional	10	47,6	11	52,4	
	Ambas	1	50	1	50	
Trabalha na área de crianças em risco e perigo	Sim	8	61,5	5	38,5	0,392
	Não	37	52,1	34	47,9	
Estado civil	Solteiro(a)	34	<b>64,2</b>	19	35,8	5,110*
	Casado/Viúvo/Separado	12	38,7	19	<b>61,3</b>	
Habilitações Literárias	Até ao 12º ano	17	50	17	50	3,178
	Licenciatura	19	50	19	50	
	Mestrado	8	80	2	20	
Rendimento médio mensal individual	< 1000 euros	20	55,6	16	44,4	0,187
	Mais de 1000	13	50	13	50	
Rendimento médio mensal do agregado	< 1000 euros	7	58,3	5	41,7	1,247
	1000-2000 euros	17	56,7	13	43,3	
	Mais de 2000 euros	7	41,2	10	58,8	
Tem filhos?	Sim	10	40	15	60	2,843
	Não	36	60	24	40	
Quantos filhos?	1	3	33,3	6	66,7	0,260
	2 ou 3	7	43,8	9	56,2	

Os valores a negrito apresentam um valor ajustado dos resíduos igual ou superior a 2.

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001

Quadro 5.

*Diferenças nos perfis das famílias de estatuto socioeconómico médio, tendo em conta as variáveis sociodemográficas dos participantes*

Variáveis sociodemográficas		Grupo				Teste do Qui-Quadrado
		1		2		
		N	%	N	%	
Sexo	Feminino	37	53,6	32	46,4	0,068
	Masculino	8	50	8	50	
Escala etária	18 a 20 anos	5	33,3	10	66,7	3,249
	20 a 30 anos	15	50	15	50	
	30 a 40 anos	9	60	6	40	
	Mais de 40 anos	14	60,9	9	39,1	
Contacto com crianças ou jovens em acolhimento institucional	Sim	21	<b>67,7</b>	10	32,3	4,291*
	Não	24	44,4	30	<b>55,6</b>	
Circunstâncias do contacto	Vida privada	4	50	4	50	2,235
	Vida profissional	15	71,4	6	28,6	
	Ambas	2	100	0	0	
Trabalha na área de crianças em risco e perigo	Sim	7	53,8	6	46,2	0,013
	Não	37	52,1	34	47,9	
Estado civil	Solteiro(a)	27	50,9	26	49,1	0,119
	Casado/Viúvo/Separado	17	54,8	14	45,2	
Habilitações Literárias	Até ao 12º ano	14	41,2	20	58,8	3,033
	Licenciatura	21	55,3	17	44,7	
	Mestrado	7	70	3	30	
Rendimento médio mensal individual	< 1000 euros	17	47,2	19	52,8	2,011
	Mais de 1000	17	65,4	9	34,6	
Rendimento médio mensal do agregado	< 1000 euros	10	83,3	2	16,7	5,139
	1000-2000 euros	14	46,7	16	53,3	
	Mais de 2000 euros	8	47,1	9	52,9	
Tem filhos?	Sim	16	64	9	36	1,739
	Não	29	48,3	31	51,7	
Quantos filhos?	1	5	55,6	4	44,4	0,435
	2 ou 3	11	68,8	5	31,2	

Os valores a negrito apresentam um valor ajustado dos resíduos igual ou superior a 2.

\*p <0,05 \*\*p <0,01 \*\*\*p <0,001